

JORNAL DE 2^a FEIRA

JUNDIAÍ, 15/21 DE SETEMBRO DE 1975 — N.º 11

PREÇO DESTE EXEMPLAR

CR. \$ 200



FAVELADOS PERDEM TUDO: SUAS FAVELAS

JUSTIÇA ANULA CONCORRÊNCIA DO D.A.E. PÁGINA 7

TEATRO ESTUDANTIL, UM ATO DE CORAGEM

DALMO DE CRAVO E CANELA

SANDRO, E PORQUE NÃO DIZER, VAIA

PÁGINA 11

PAG. 12

PÁGINA 5

PAG. 8 E 9



Entre risos, nobreza e medos

— Está ótimo. Tenho dado muita risada com as coisas que vocês escrevem.

— Acho que vocês estão se expondo muito.

— Vocês estão escrevendo para uma elite. Falta penetração, falta o povão ler essas denúncias todas.

São três opiniões de três leitores. Um número muito pequeno para que se tirem conclusões sobre o nosso jornal. Mas, de certa forma, três colocações que podem resumir o universo de público atingido pelo *Jornal de 2.a*, se não na sua totalidade, pelo menos em parte significativa.

Como reagir diante delas, desde que todas são importantes,

A primeira, embora nos gratifique, não nos fotografa de corpo inteiro. Os gracejos (ou tentativas de) que fazemos são nosso esforço para abrandar o "indigesto" das matérias sérias, dos fatos, dos números que documentam, principalmente, nossas denúncias. Mas a denúncia é a nossa tônica, já que as irregularidades têm sido a tônica dos responsáveis pelos destinos da cidade. Tanto assim que, mesmo nos gracejos, sempre que possível, está presente a agulhada inspirada no "rindo castigat moris", dos nossos vovozinhos peninsulares.

Quanto à terceira opinião — talvez a mais frequente — ela me impõe duas reflexões: 1.a) o que seria "penetração popular"? Nota policial, que transforma sangue em manchete? Nota social,

que transforma o desbunde de uma minoria na ilusão de muitos. Nota esportiva, que transforma um oportunista em inventor de chaves milagrosas, ou um infeliz goleiro num pobre diabo? Se forem esses (e não acho que são) os caminhos para a popularidade, é quase certo que morreremos no anonimato — se morreremos. 2.a) "penetração popular" seria ser comprado e lido pelo chamado povão? Convém lembrar que os 2 cruzeiros (que não custeiam a edição) de cada exemplar, ou os 3 cruzeiros mensais, representam 10 conduções, 10 passagens de ônibus, de casa para o trabalho. E que condução é um item vital no magro orçamento desse povão, que é obrigado a morar na periferia, onde o dinheiro dá(?) para sobreviver. Chegar a esse povão é uma das nossas metas. Se não por meio da leitura do que publicamos, pelo menos na defesa dos seus direitos. E é denunciando obras faraônicas, custos escorchantes de obras de infraestrutura (que também estão sendo feitas, reconhecemos, mas a que preço?), é chamando a atenção dos responsáveis por elas que, acreditamos, estamos sendo porta-vozes de um público que, infelizmente, nem sequer tem condições de tomar conhecimento disso, não tem

condições sequer de engrossar nossas fileiras, o que seria importante, decisivo, talvez.

Finalmente, a segunda das três opiniões: o fato de estarmos nos expondo. É a que mais me preocupa, realmente (não existe, entre nós do jornal, que eu saiba, nenhum herói — Quixotes, talvez alguns). Me preocupa e me entristece. Porque é terrível viver-se numa época e num lugar onde a divulgação de medidas absurdas, de irregularidades comprovadas, de abusos que comprometem o futuro da comunidade, pode representar risco.

No meu entender, expor-se demais é convidar o povo para a inauguração de 2 quilômetros de avenida cujo preço daria para asfaltar 90 quilômetros de ruas periféricas, as ruas do povão. Expor-se demais é comprar barato, legislar e vender caro terras destinadas ao lazer nos bairros, onde mora o povão. Expor-se demais é continuar pagando a ouro obras irregularmente contratadas, alicerçando os pagamentos em aumentos de impostos que o povão irá pagar, ele que não pode pagar o jornal para saber das coisas (e é aqui que fica irrelevante ser ou não ser lido pelo povão).

Em todo o caso, é esta a época, é este o lugar onde decidimos fazer um "jornalzinho". Para que alguns riem, para que uma elite leia, para que a gente diga as verdades — muitas vezes com um medo absurdo.

ERAZÉ MARTINHO

Vocês viram aquele "big" cano que o Promessão retratou no jornal?

Não é "radiografia" da papolândia, não. Ele já mandou retificar. E' para dizer que o povo entrou por ali. Pelo cano...

Diz também umas outras tantas coisas estapafúrdias que ele "fez": água, esgoto, iluminação, vigilância, lixo e conservação de logradouros públicos.

A bem da verdade, é preciso que se diga que antes do machão nada disso existia aqui na papolândia. Foi tudo ele quem fez. E como fez. Que perfeição!

Como informam os alfarrábios do Alceu, quando aqui aportou a velha Petronilha, com seus filhos, afins e muitos burros — todos se foram, só estes permanecem — armou o seu bivaque naquele chiqueiro ao qual ironicamente o vulgo chama de largo da matriz.

Desde essa feita, a praça nobre passou a ser o centro nevrálgico e irradiador de todas as atividades sócio-culturais que trouxeram a papolândia até estes dias conturbados em que, conformada carrega a cruz pela certeza de que a hora mais escura é a que precede a aurora.

Pois é. Aquela praça é uma pândega esterquilínea. Os bancos estão com os parafusos salientes, não raro pondo à mostra a plástica dos mar-cróbios. As pombas "fazem o que querem" no chapéu dos transeuntes. Bem no centro há uma "fonte iluminista" que o gentio alimenta na mais eloquente exaltação de um cágado que pensa que é aeroplano. Nos canteiros mo-

ram ratos tão grandes, mas tão grandes, (isto é, não tão grandes como uns ratos que eu congeço, mas são grandes), que, como se pode constatar, comem toda a raiz das azáleas não as deixando florir na primavera. Enfim, aquela praça é uma bomba.

E' por isso que quando o Promessão gasta uma nota violenta para falar em conservação de logradouros públicos, a gente fica pensando como aquela galinha que chocou patinhos à beira do lago.

Será que a papolândia é uma filial da Bécócia?

E' de se acreditar que sim ao ver com que desfaçatez se fotografa um cano e faz-se dele cavalo de batalha para passar o mel no beijo de 200 mil otários.

Final de contas, pra que serve o dinheiro dos impostos?

Se a água vem vindo à custa de um empréstimo para acabamento de serviço já começado na administração anterior; Se o famigerado Córrego do Mato também está sugando o produto de outro empréstimo; Se a pavimentação escorcheia diretamente o contribuinte; Se não se faz mais nada; Que é que se faz com o dinheiro dos impostos?

Será que vai todinho pros chupetas que o Promessão pendurou nos cabides empregatórios?

Se a praça não cheira bem Se fede mais que chiqueiro Se o povo não tem vintém Se ganho muito dinheiro

E' porque sou vivaldino Só faço causa com Reis Ao outro deixo um pepino Quando daqui for de vez

SIMÃO

cartas



Sr.: "Cumpre-nos encaminhar a vossa senhoria xerocópia do requerimento 293, de autoria do vereador dr. Francisco Andreoli, aprovado na sessão ordinária desta Casa, de 19 de agosto último, registrando votos de congratulações para com esse jornal..." (Mário Scholz, Presidente da Câmara Municipal de São José dos Campos)

— Este, o teor do requerimento: "REQUEREMOS, ouvido o egrégio plenário, sejam registrados nos anais desta Casa, votos de aplausos e congratulações para com a direção do recém-lançado "Jornal de 2.a-Feira", da cidade de Jundiá. A excelente publicação, dada à sua expressividade e imparcialidade na análise dos problemas político-sociais daquele município, se fazia necessária para a orientação e o esclarecimento da população jundiáense. Que da decisão desta Edilidade se dê ciência ao redator-chefe daquele órgão de imprensa, sr. Celso Francisco

Paula, rua Senador Fonseca, 1.044, Jundiá". Aprovado!

Sr.: "Ultimamente este Comando tem recebido correspondência, seja de órgãos públicos, seja de entidades civis, com grande atraso na entrega. Este fato tem causado diversos contratemplos, inclusive a ausência deste Comando em solenidade às quais gostaria de comparecer ou se fazer representar. Como foi notado que a maioria das vezes o que tem causado o problema é o endereço correto desta Unidade Militar, a título de colaboração, esclareço-vos que toda a documentação ao Cmt da Guarnição deverá ser conforme se segue..." (Luiz Carlos Domingues da Silva, Cel. Cmt do 12.º GAC e Guarnição Militar de Jundiá)

— Novos endereços anotados, Maria Lúcia? Então, tudo certo.

Sr.: "Nossos cumprimentos..." Genealves & Cia. — Tipografia Jundiá)

— Obrigado, Toninho. Fomos lembrados! Salve o "Dia da Imprensa"!



**TIPOGRAFIA
JUNDIÁ**
IMPRESSOS
EM GERAL

Rua Cel. Leme da Fonseca,
210 — Fone: 6-3099

PANSERVIÇOS

Composições Linotipográficas
Encadernação — Desenhos
Rua Marechal Deodoro da
Fonseca, 565

EXPEDIENTE — JORNAL DE 2.a-FEIRA

Propriedade da Editora Japi Ltda.
Rua Senador Fonseca, 1.044
Redator-Chefe: Celso Francisco de Paula
Capa: Araken Martinho
Ilustrações: Ivan Martinho e Suzana Traldi de Souza
Officinas Impressoras: "Diários Associados"
Rua 7 de Abril, 230 — São Paulo
Assinaturas
Semestral — Cr\$ 70,00 e Anual — Cr\$ 120,00

As dívidas e as dúvidas pode o BNH esclarecê-las?

É assustadora a perspectiva de endividamento do município de Jundiá. A Prefeitura Municipal vem solicitando e obtendo do BNH financiamentos vultosos, que irão onerar, de forma insuportável, nossas futuras finanças. Em fins do ano passado, foi aprovado um empréstimo de 120 milhões de cruzeiros, do Fundo de Desenvolvimento Urbano, tendo como intermediário o Banco do Brasil. Agora, estão sendo solicitados 70 milhões do Planasa e 100 milhões do FIDREN. São montantes altíssimos, mormente levando em conta que o saldo entre a receita e a despesa corrente do município, no orçamento de 1975, não chega a 30 milhões de cruzeiros.

Não vamos voltar a discutir aqui o mérito da aplicação destes recursos. Já têm sido bastante debatidos os aspectos de validade e prioridade do plano de obras em execução e, acima de tudo, os altos preços com que estas obras vêm sendo feitas, dentro de um contrato considerado lesivo aos cofres públicos.

Vamos nos deter apenas no problema do endividamento do município. Consta que o BNH, na concessão de financiamentos, tem como norma resguardar a capacidade de investimento, em obras públicas, das futuras administrações. É sobre este ponto que pairam muitas dúvidas, e achamos que há necessidade de esclarecimentos.

Até hoje, os jundiáenses não foram informados de quaisquer detalhes sobre os verdadeiros custos das obras, incorridos e por incorrer, sobre os financiamentos obtidos, sobre as condições de liquidação das dívidas, sobre as perspectivas de receitas e despesas futuras do município. Estes dados são mantidos em segredo pelo executivo municipal. Nem mesmo os profissionais que compõem o corpo técnico da Prefeitura têm acesso a eles. Por outro lado, a câmara dos vereadores, numa estranha e lamentável disfunção, não exige aquelas informações e não se preocupa em discutir, em maior profundidade, o problema do endividamento. Só tem feito aprovar, a jato, em regime de urgência, os pedidos de financiamento do prefeito.

Com o Executivo escon-

dendo as informações e o Legislativo despreocupado em conseguí-las, segue acelerado o processo de endividamento brutal do município. Fica marginalizado, por completo, o maior interessado na questão: o povo, a quem caberá, no fim, pagar as dívidas assumidas.

O contribuinte jundiáense tem todo o direito de conhecer os detalhes destas operações de crédito nas quais ele comparece como o real devedor. Há grande dúvida quanto às consequências futuras de tal endividamento. Como nos pedidos de financiamento sempre se fala nos critérios do BNH para julgamento da viabilidade econômica, que venham os técnicos do banco prestar os esclarecimentos devidos e eventualmente dirimir as dúvidas existentes.

Como é calculada a capacidade de endividamento, para não bloquear as futuras condições de investir do município? Há necessidade de projetar as receitas e despesas até um horizonte condizente com o prazo de liquidação das dívidas. Segundo fomos informados, esta projeção é feita através de uma regressão linear simples, com base nos valores observados em um certo número de exercícios passados. Os encargos dos financiamentos amortizações e juros — não podem exceder, em cada ano, uma determinada fração do saldo previsto entre a receita e a despesa. Se é esse o modelo adotado para a análise do endividamento, há muitas perguntas a fazer. — A projeção é feita usando-se valores correntes, nominais, ou valores deflacionados, expressos em moeda de uma determinada data base? Há notícia de que o primeiro critério é seguido, o que parece absurdo, pois neste caso, além de comportamento real, está-se projetando inflação. Para haver coerência e o método não perder totalmente sua validade, torna-se necessário calcular-se as prestações futuras das dívidas com coeficientes de correção monetária obedecendo a um ritmo de inflação exatamente igual à média observada no período que serviu de base para a regressão. Seria mais lógico e mais simples trabalhar-se com valores reais, deflacionados. O modelo estaria assim depurado do elemento perturbador da inflação.

— Qual a extensão do período usado como base para a projeção? Consta que a regressão é apoiada sobre poucos pontos do passado. Neste caso, torna-se precário o grau de precisão das previsões, principalmente para maiores afastamentos futuros. Basta calcular o intervalo de confiança destas estimativas, para evidenciar sua precariedade. E não está certo apoiarem-se decisões graves e importantes sobre dados de qualidade discutível.

— Qual o critério de fixação do período base passado, para que ele represente uma tendência real a longo prazo e não um trecho curto, pouco representativo do comportamento da variável em análise? Quando a regressão é apoiada em poucos pontos, fica influenciada pelos efeitos passageiros que tenham prevalecido neste período, perdendo totalmente a validade para as inferências futuras.

— Como foi considerado o incremento da receita decorrente do aumento dos tributos municipais? Entre 1971 e 1973, os impostos foram aumentados de cerca de 400%, em média. Isso representou um salto, ou um degrau, na curva da receita do município. Ao fazer a análise de regressão, procedeu-se ao devido ajustamento dos pontos, para levar em conta este efeito? Se isso não foi feito, cometeu-se grave erro. A simples regressão sobre os valores observados, sem atentar para a causa daquele incremento, significa transformar o caso isolado em tendência. Em outras palavras, significa projetar para o futuro novos aumentos de impostos, tão grandes como os já havidos, e repetindo-se indefinidamente, "ad infinitum".

São bem grandes as dúvidas, portanto. Os técnicos do BNH serão capazes de esclarecê-las? Poderão fornecer ao contribuinte jundiáense maiores detalhes sobre os processos de concessão de financiamentos ao município? Temos o direito de exigir a demonstração de que vem sendo obedecida a norma daquele banco, de evitar o endividamento excessivo e garantir a capacidade de investimento das futuras administrações.

FRANCISCO DE ASSIS
OLIVA

Uma posição bem definida

Quando este jornal, fundado por um grupo de idealistas, se propôs a mostrar os fatos reais de uma administração pública, à tarefa de conduzir os interesses públicos locais, começando por tecer diversas considerações sobre o problema do saneamento básico, da saúde pública, das enchentes, do abandono do menor, do descaso para com o Distrito Industrial etc. etc., encarregando-se também de demonstrar a inoportunidade do faraônico dispêndio de dinheiro público na avenida Córrego do Mato, ante uma série de necessidades mais prementes, a muitos começou parecer que nossa posição seria radical e definitivamente contrária a todo e qualquer ato da atual administração do Município. Nada disso, porém, é verdade.

A propósito da discutida obra da avenida Córrego do Mato, entendemos que não podem ser deixados de abordar dois aspectos fundamentais: a concorrência com preços elevadíssimos, ilegal na sua forma, e a inoportunidade de sua realização imediata, tendo em vista a existência de obras mais necessárias, de base, urgentes, do interesse de toda a coletividade. Entendemos nós, como muitas pessoas de bom senso administrativo, como centenas de munícipes sacrificados com a cobrança de impostos escorchantes, que a referida avenida não liga nada a coisa alguma e poderia perfeitamente ser realizada com muito menos gastos, sem pressa, segundo as necessidades reais e a oportunidade. Tanto isso é verdadeiro — e quem duvidar é só contar os minguaudos veículos que por ela transitam, ainda que por curiosidade — que o grosso da população sequer passou ainda por tal avenida.

O erário público suportou e vem suportando o volumoso preço da Córrego do Mato, oriundo de uma concorrência duvidosa sob o aspecto jurídico, acrescendo-se, ainda, o ônus de uma iluminação que se traduz em verdadeira afronta, pelo desperdício energético, simplesmente, assim entendemos, para satisfação de sentimentos pessoais daqueles que não querem o diálogo para a busca do acerto e real defesa dos interesses da coletividade.

Dissemos e comprovamos que o dinheiro gasto ali bastaria para resolver os problemas urbanísticos de diversos bairros de nossa cidade, abandonados, até aqui, dando-lhes a infra-estrutura tão necessária e esperada. Há quem diga que, se a avenida não fosse realizada, agora, não o seria nunca, porque custaria muito mais, no futuro. A esses mistificadores respondemos que o argumento é por demais pueril, uma vez que o preço pelo qual foi contratada, há quase dois anos, ainda é maior que o atual e talvez o seja ainda que o de daqui a dois anos. Além disso, os custos sempre acompanham a desvalorização da moeda, de modo que, quando se tornasse oportuna e conveniente a abertura de tal avenida, seriam, proporcionalmente, os mesmos de hoje.

Por outro lado, ao se realizar as obras, por exemplo, em diversos bairros, também o custo, no futuro, será outro. É uma questão de oportunidade, isto é, de se realizar uma obra que beneficie o povo imediatamente, que atenda a uma necessidade premente e não aos interesses pessoais de uns poucos e de extravasamento recalcado para perpetuação como sapiens administrador, como no caso do atual prefeito.

Ninguém ignora que no mundo moderno é o Estado quem comanda as atividades econômicas. Em Jundiá mesmo, desde há algum tempo tem se sentido a interferência do Poder Público na atividade privada, até mesmo tentando estatizar empresas com atividades delegadas tradicionalmente a particulares. Para que o Estado cumpra realmente seu dever neste setor de comando, é necessário que ele, Estado, esteja em condições de organização e técnicas com avanços superiores aos de seus comandados (no caso, os responsáveis pela empresa particular). Não é, contudo, isso o que acontece. O organismo dirigente desenvolve uma velocidade incompatível, inferior, com a desenvolvida pelos seus dirigidos.

Então, Jundiá necessita resolver o problema da água, de vez. Os bairros mais humildes necessitam das obras de infra-estrutura. A saúde pública exige uma aplicação de verbas relevantes. A atividade comercial está encravada. A interligação com os bairros é uma calamidade pública comprovada. A organização da Prefeitura é uma lástima. As acomodações da administração, totalmente deficientes, quase se confundem com uma árvore de Natal: tudo dependurado. Somos contra tudo isso e contra também fatos como a revogação da concorrência que se destinava à execução da segunda passagem na Avenida Jundiá para depois se fazer outra, contratando os mesmos serviços por um custo várias vezes maior, quando, ficou depois provado, a atual administração tinha e tem interesse na futura avenida Córrego do Mato.

Como se vê, deixa-se de fazer tudo o que é urgente, inadiável para o crescimento harmonioso de todo um conjunto, para gastar-se de uma vez, e sem necessidade comprovada, com preços altíssimos, em uma avenida. A quem ela atende de imediato? Qual o escoamento de tráfego? Respondam-nos essas perguntas, vejam se nossas críticas procedem ou não. Concordar com uma faraônica dessas é o mesmo que admitir-se como certa a atitude de um chefe de família que gaste todo o seu ordenado deste mês com a aquisição de agasalhos para seus filhos, temendo o inverno do ano que vem, e deixa vazia a dispensa de alimentos de sua família. É um excesso de previsibilidade, sem nenhuma sustentação no binômio conveniência — oportunidade, necessário a todo ato político-discricionário.

AUTO ÔNIBUS TRÊS IRMÃOS S.A.

Serviço urbano

Escritório e Oficina:

Avenida Marginal, 1.544 — Jardim Danúbio

Telefones: 6-1080 e 6-7459

Jundiá — SP.

Todos sabem, as sessões da Câmara são ordinárias e extraordinárias. As sessões extraordinárias podem ser convocadas pelo prefeito e pelo presidente da Câmara, desde que a matéria seja de interesse público relevante e urgente.

Devem ser convocadas com antecedência de dois dias e nelas não se poderá tratar de assunto estranho à convocação.

Até aí, nada de mais. Em nossa Jundiá, todavia, há algo de mais. As sessões extraordinárias têm causado espécie, pois são convocadas com o claro propósito de evitar que o assunto chegue ao público e impedir o debate prévio, solucionando-se problemas da administração no maior sigilo possível. Isso contraria a tudo que se há de desejar em matéria de política e administração.

Vejamos. A Câmara Municipal reuniu-se extraordinariamente cinco vezes, nos dias 2-7-73, 22-12-73, 2-12-74, 21-1-75 e 4-8-75, uma na terça-feira, outra num sábado e as demais em dias de segunda-feira. Equivale a dizer, quase todas foram convocadas na sexta-feira ou sábado.

Ao leigo, pode passar despercebido esse detalhe. Mas é por demais importante. O prefeito tem usado desse expediente seguidamente por duas razões fundamentais. A primeira é a de evitar publicidade do projeto, porque, em sessão ordinária, com andamento normal, as comissões devem estudar, a matéria será publicada e muita gente ficará sabendo.

Essa é uma razão indiscutível, mas a segunda é mais importante. Diz a lei que um projeto poderá entrar na ordem do dia, imediatamente, em sessão ordinária, desde que a matéria seja considerada de urgência pela Câmara, com 12 assinaturas. Urgência e preferência, no entendimento de qualquer principiante, são necessárias para matérias que perderão a oportunidade se não forem apreciadas imediatamente. Por exemplo, a lei do asfalto que foi aprovada em sessão extraordinária. Não era absolutamente matéria para sessão extraordinária, porque, se não fosse discutida numa sessão, o seria em outra, sem qualquer prejuízo para o projeto.

É exatamente aqui que está o busil da questão, nem sempre o prefeito consegue 12 votos para pedir uma urgência porque não seria justo considerar tanta gente inábil ou mal informada. Daí a sessão extraordinária, quando o próprio decide ser o assunto de urgência.

Não quer dizer que o prefeito não tenha encontrado resistência nas sessões extraordinárias. Nas primeiras encontrou vereadores que se engrandeceram numa luta desigual para demonstrar que a sessão extraordinária era um absurdo. Depois, tudo se amainou e a maioria tem sido francamente dócil.

Se não considerarmos docilidade, teríamos que admitir que poucos entendem do assunto, o que também seria lamentável. É claro que ressaltamos os que têm lutado, de uma maneira ou de outra, na defesa do interesse público.

Agora, se continuarmos no uso de tal expediente, o feito acabará de vez com a necessidade de 12 votos para declarar urgência e mandará, como está mandando, às favas os dispositivos legais e regimentais e todos nós poderemos nos juntar em coro para entoar um cântico de pesar pelo falecimento da edilícia jundiáense, mesmo com todas as resistências corajosas e elogiáveis.

Para se ter uma idéia do massacre que se fez nessas sessões extraordinárias é só dar uma olhada nas convocações: alteração no Código Tributário, abertura de créditos, a lei do asfalto (que dá a uma empresa uma verdadeira concessão, eliminando concorrentes sem concorrência, fabulosos empréstimos, sem contar a primeira que foi realizada em período de férias para convalescer uma ilegalidade praticada pelo prefeito.

Em tempo: convalescer, no caso, quer dizer arrumar, dar uma remendada numa barba-ridade administrativa, tentar corrigir ou atenuar efeitos de um ato que a lei considera inadmissível e muito grave.

Que mais dizer, meus amigos, apenas que ainda há tempo para redenção ou recuperação, não de todos, mas de muitos, numa reviravolta que poderia nos impor a troca de um cântico fúnebre que resistimos a entoar, por um outro mais alegre, mais patriótico, para gritarmos, mesmo, com todas as forças dos nossos pulmões: HOSANAS NA ESPLANADA. ALELUIA, ALELUIA, ALELUIA.

VIRGÍLIO TORRICELLI

O senhor prefeito está com a palavra

Positivamente, o prefeito Ibis Cruz faz questão de usar o cargo para jogar a "cabra cega" com o tolerante povo desta cidade.

Indiferente à objurgatória e às reprovações populares, continua gastando precioso dinheiro do erário para emitir ilações disparatadas em torno da vida cidadã.

Com a irresponsabilidade e a audácia que o caracterizam, vem dizendo pelos jornais que "caminhávamos a passos rápidos para a estagnação e o caos", sem contar com os efeitos de uma "neurose coletiva a que estávamos em vias de chegar".

"E a poluição sonora e do ar, decorrentes dos congestionamentos, e os mal-fadados acidentes de trânsito" etc.

Como mostram as aspas, tudo não passa de fruto de uma imaginação doentia, isso porque, além dele, ninguém mais se apercebeu desses fenômenos apocalípticos que ameaçavam estrangular nos seus tentáculos inistros toda a comunidade que resignada-

mente o vai aturando até o dia feliz do bota-fora.

Ainda que o não tenha dito, deixa entender aos incautos que, graças à sua clarividência, está, felizmente, o povo liberto da parca imaginária que vinha rondando a família jundiáense — a neurose e o caos. Como seguimento, passa a arengar uma sesquipedal exposição de le-ro-lero.

Não cabe no âmbito estreito da coluna que dispomos uma análise, ainda que sucinta, sobre toda aquela baboseira, exposta na tentativa de engabelar o munícipe a mudar sua opinião em torno da administração municipal, tida e havida como a pior entre as piores.

Quanto à poluição — aqui, sim, cabe uma perda de tempo — não é a do ar, nem a sonora as que mais intranquilizam a população. Paradoxalmente, a poluição mais inquietante é a do silêncio. Do silêncio que o sr. prefeito timbra em manter sorrateiramente, com relação às indagações circunvagantes, sobre:

a) — Contrato com G. Sampaio S/C, para execução de serviços de utilidade duvidosa;

b) — Pormenores em torno da Concorrência 66/73, denunciada pela Comissão Executiva da ARENA ao Tribunal de Contas do Estado, acusando um desperdício de 40 milhões de cruzeiros;

c) — O porquê de até o momento não ter vindo à luz o balanço concernente à última "Festa da Uva";

d) — Justificativa relativamente a gastos estimados em 37 milhões de cruzeiros, dissipados em poucas semanas com jantares e regabofes nos restaurantes da cidade;

e) — Dúvidas com respeito à especulação imobiliária no setor industrial etc. etc.

Continuar calado é consentir no vozerio do povo. Tem a palavra o sr. prefeito, isso porque, em verdade, essa é a única espécie de poluição que ss. tem condições de dissipar — a do SILENCIO.

ÉLCIO VARGAS

Questionado na Câmara o trabalho de Cândido Malta

A presença do urbanista Cândido Malta na assessoria de Planejamento da Prefeitura de Jundiá, noticiada diversas vezes nos jornais da cidade, está sendo agora questionada pelo vereador Abdoral Lins de Alencar, que deseja saber que serviços aquele profissional vem prestando ao Município e em que condições contratuais.

Após admitir que "o planejamento de uma cidade deve ser um processo dinâmico" e também lembrar que a coletividade deve ser informada sobre o que se está planejando em sua cidade, o vereador emedebista sustenta que a Câmara Municipal "tem o dever e a obrigação" de conhecer todos os fatos que envolvem o planejamento local. E, com essas considerações, constantes de requerimento aprovado na sessão da semana passada, Alencar deseja saber:

- A Prefeitura continua sendo assessorada pelo urbanista Cândido Malta?
- Em caso afirmativo, ele presta serviços através de contrato individual ou os serviços são prestados por uma equipe?
- Quantas pessoas não vinculadas ao quadro de funcionários ou de servidores da Prefeitura compõem essa equipe? Quais as respectivas especialidades?
- Qual o inteiro teor do contrato entre a Prefeitura e o urbanista Cândido Malta, bem como o inteiro teor dos contratos com outros técnicos componentes da referida equipe?
- Qual o estágio de desenvolvimento dos trabalhos?
- Quando o assessor de urbanismo poderá vir à Câmara para uma exposição pública dos ante-projetos referentes ao planejamento em geral?

Também a Chácara Urbana exige uma concorrência para o asfaltamento

A exemplo dos moradores do Jardim Brasil, os munícipes residentes na Chácara Urbana, parte compreendida entre a Avenida Córrego do Mato e o Tênis Clube, estão interessados que a Prefeitura realize uma concorrência pública específica para a execução do asfaltamento de suas ruas, livrando-os, assim, do elevado preço do "asfalto quente" que a Andrade Gutierrez está oferecendo com o aval do Município.

Um abaixo-assinado, idêntico àquele que foi encabeçado pelo advogado Mário Pereira Lopes no Jardim Brasil, deverá ser enviado ao chefe do Executivo pelos proprietários de imóveis naquela parte da Chácara Urbana. Em tal manifesto é ratificada a discordância desses proprietários com o modo como está sendo proposta a execução do asfaltamento e lembrado também que a firma pavimentadora deixou de remover as guias que existiam nas ruas da Vila Liberdade, quando da execução dos mesmos serviços naquele local, abrindo a perspectiva de nova despesa para os moradores quando for ocasião de retirá-las. Enfim, deixam esclarecido que não pretendem, de forma alguma, deixar a impressão de que prescindem dos melhoramentos, mas tão somente pugnam pela realização de um serviço que realmente venha ao encontro de suas aspirações e por um preço bem menor que o proposto pela empreiteira oferecida pelo prefeito.

Anúncios no Jornal de 2.a

ESPAÇOS	PREÇOS
90 centímetros (9 x 10)	— Cr\$ 225,00
45 centímetros (9 x 5)	— Cr\$ 120,00
120 centímetros (24 x 5)	— Cr\$ 375,00
70 centímetros (14 x 5)	— Cr\$ 200,00
60 centímetros (12 x 5)	— Cr\$ 180,00
36 centímetros (6 x 6)	— Cr\$ 100,00
21 centímetros (6 x 3,5)	— Cr\$ 70,00

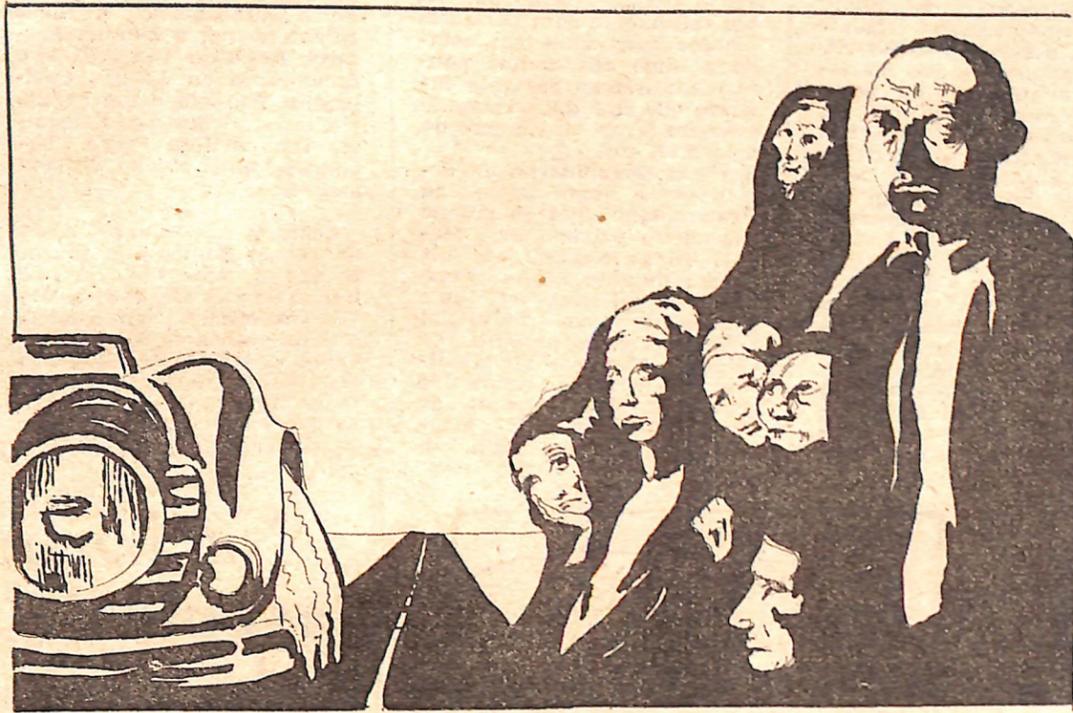
Segundo clichê

No momento em que encerrávamos os trabalhos da presente edição, procedia-se, alhures, à festiva inauguração de uma das mais modelares vias de trânsito de todo o hinterland bandeirante.

Numa demonstração da pujança de nossa urbe, a administração municipal, que tão bem soube, sabe e saberá interpretar as aspirações de sua laboriosa comunidade, houve por bem, num momento de extrema lucidez, proceder à execução da magna obra, que virá, indubitavelmente, transformar-se num cartão postal a atestar o nosso incontrolável progresso.

Ao festivo evento compareceram autoridades das mais variadas procedências, representativas de todos os nossos escalões sociais, as quais autoridades não pouparam encomios diante da magnitude da obra que naquele momento estava sendo entregue à população obreira. Num assomo de contentamento incontido, populares agitaram bandeiras no momento em que o chefe do Executivo, idealizador e executor da supracitada obra, chegava ao palanque oficial, acompanhado de seus auxiliares mais diretos, participes, também eles, do transbordante júbilo cívico que de todos se apossava na festiva tarde de ontem.

Dirigindo a palavra à população, o alcaide fez questão de ressaltar, em singelas e eloquentes palavras, todo o contentamento que lhe ia na alma, naquele momento histórico em que finalmente se concluíam os trabalhos da nova via pública, trabalhos, aliás, que atestam mais uma vez, de forma eloquente, o



elevado estágio em que se encontra a nossa moderna engenharia.

Em sua vibrante alocução, fez o chefe do Executivo uma velada alusão àqueles que, de forma sorrateira e soez, assacaram inverdades a respeito da obra, tentando macular o seu profícuo labor com torpes insinuações a respeito de mesquinhos problemas tais

como custos, prioridades e outras balelas, que bem sabemos, tais elementos são useiros e vezeiros em lançar à tona, em seu afã de agitar as plácidas águas de nossa solerte administração.

Aliás, está aí em toda a sua magnitude e imponência, a obra a atestar, por si mesma, a sua importância e seu valor, capaz que é, de per si, de projetar o nome de nossa

ciclópica megalópolis no concerto das mais pujantes comunas de toda a nossa hinterlândia.

E bem o sabe a população, que tem-se quedado estupefata de deslumbramento ao admirar a obra pronta, seja de dia, quando o sol, com toda a sua inclemência, ilumina e faz refulgir o seu sinuoso traçado serpenteante, como quando o manto negro da

noite cobre a cidade e ressaltam o magnífico contraste das luzes fêéricas que adentram o vale, pintalgando de luzes e cores a tranquila noite citadina. População essa, dizíamos, que soube repelir com indignada veemência as insinuações dessas cassandras, verdadeiras aves de mau agouro, interessadas apenas em pescar nas águas turvas da politicalha reles.

Felizmente souberam os nossos governantes fazer ouvidos moucos às assacardilhas perpetradas por esses eternos descontentes, e levaram adiante, de maneira intransigente, os seus propósitos de dotar a cidade de uma avenida à altura de suas necessidades.

E por bem houveram proceder à sua festiva inauguração, para gaudío de todos aqueles, que como eles, administradores, tão bem sabem refletir, em suas ações e pensamentos, os anseios mais profundos da comunidade.

Atenção: segundo notícias de última hora que nos chegam por telefone à Redação, e que nos esforçamos aqui para publicar, em que pese o adiantado da hora, mas fiéis ao compromisso de bem informar, após ter-se procedido à inauguração da via pública, foi ela liberada ao tráfego de veículos, os quais, numa verdadeira avalanche de entusiasmo, a estão percorrendo de cima para baixo, de baixo para cima, tendo os seus ocupantes demonstrado invulgar satisfação. Alvíssaras!

SANDRO VAIA

Assentando o fio

Pra ser homem precisa ter barba. Só. Os outros atributos de há muito foram pinchados de banda. Como a barba não serve pra nada, é só amolação, restou muito pouco: restou a pausa pra meditação no ato da raspada.

Antigamente, faz muitos verões, eu, na roça, fazia a barba com navalha. Comprava um potinho de pasta pra barba no Mené Barbeiro: quando não tinha a pasta ou creme de barbear, a gente usava uns pedacinhos de sabão de côco. Punha na tijelinha com um pouquinho d'água, pegava o pincel e tchó, tchó, tchó — fazia aquela espumarada. Isto, só uma vez por semana.

O bom mesmo era acentar o fio da navalha.

No batente da porta da cozinha, batentão de madeira lavrada a enchó, tinha dois pregos. Dois pregões, diga-se de passagem: um para o acentador do fio da navalha, uma correiona de couro crú, já

sovada pelo uso. Depois de ensaboar o rosto, tá, tá, tá com a navalha, passando no couro. E depois, bem devagarinho, rec, rec, rec, raspando a barba. Isto acontecia todo domingo cedinho, depois da tirada do leite.

A gente tomava um bom banho no tancão e vestia um "pareio" limpo e botina lustrosa, e então ia pra vila, assistir a missa das déis. Depois o jardim... A gente fazia um biquinho assim c'os beijos, deixava um furinho bem no meio, por onde sugava o ar; então safa (entrava) um assobiozinho assim fininho, fiii, que era pra chamar a atenção das moças. E elas olhavam pra gente. Se não era quem elas pensavam que fosse, então xingavam: "Sai coiô!" E o assobiozinho se chamava, por isto, "coiô"! A gente dizia:

— Peraí, vô dá um coiô pra fulana. E... fii...

Tempo bão! Que cidade? Era assim o nome da cidade: Parnayba. Hoje mudou: nem

a cidade e nem o nome são os mesmos. Jundiahy não existe mais, nunca mais.

Mas eu tava falando de barba, de navalha, de acentar o fio.

Quando agente ia mal no oito, durante o dia o patrão, o feitor ou mesmo o pai da gente ralhava brabo e gritava, entre outras coisas: "Ó seu alcaide!" Devia ser um xingão, xingação muito feia, porque a gente ficava ofendido no duro. De tardezinha a gente inda tava amuado, embezerado. Então, quem havia xingado vinha de manso, pasava o braço por riba dos ombros da gente e vinha proseando, como se não tivesse acontecido nada. Esse modo de pacificação sem falar no acontecido nós chamávamos de "acentar o fio". Tava "acentando o fio".

Pois hoje eu fui fazer a barba e lembrei de tudo isto. Pra mim há na semana dois momentos de profunda reflexão: um na missa dominical, outro na barba semanal.

Entro no banheiro, agora, é com lâmina e espuma de esprêi: psii, psii na parma da mão, depois se passa no barbão branco e crescido e rec, rec, rec, que só o rec é o mesmo. Pensando: se a loira da lâmina, fio de platina, entra aqui? Ói eu, o papagaio no fio elétrico! Pensamento mais bobo.

Que desfile bonito! Moçada minha, moçada nossa! Que lindeza! Cidade calçada para um povo descalço no asfalto quente. A avenida ficou coisa fina. Devia chamar-se Avenida Sete de Setembro, por causa da data de inauguração. Mas Nove de Julho, mesmo que fosse 12 de outubro, também tá bão. Tá tudo certo. Ela bem que podia ser o dobro mais larga. Mas assim tá ótimo, já custou o dobro do preço, vamos deixar assim. Já é o dobro, né?

Também, a administração pública não é fácil. Se fosse eu que tivesse lá, já pensou quanta burrada qu'eu ia fa-

zer? A grande verdade é que todo mundo está se esforçando. Vamos colaborar sem chio. Meu terreninho de esquina, vai passar asfalto: Cr\$ 23.000,00. Onde vô arranjar este dinheiro? Cr\$ 23.667,40.

Quem qué comprá um terreno? Quem qué comprá um terreno!

Tenho sido um bocudo. A Câmara tem dado tudo o que pode. Até o que não pode, um esforço tamanho! Océis tão certo: é muito fácil falá, fazer é que são elas... Ato-lô? Num tem nada não, mais uma junta de boi e tamo fora. Onde tá a junta? Tamo aqui! Vamo colaborá!

Tá bem escanhoado. Tirá o sabão demais co'a toáia, água verva cabô, água da tornera não, despropósito de desperdício, vamos colaborá! Contem conosco!

...Acho que acentei o fio...

O BARTIMEU

PUCC **PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE**
CATÓLICA DE CAMPINAS
VESTIBULARES PARA 1976
(20 A 23 DE DEZEMBRO)

INSCRIÇÕES EM JUNDIAÍ: RUA SIQUEIRA DE MORAES, 578 - 1.º ANDAR - ED. MARIJU
DE SEGUNDA A SÁBADO, ATÉ O DIA 27 DE SETEMBRO

Uma ponte aérea entre o centro e a zona leste

Para quem val do centro da cidade ao bairro de São João Batista, mais popularmente chamado Ponte São João, ou então a outros mais distantes, naquele mesmo setor da cidade, como Jardim Paçambu, Colônia, Caxambu, etc., ou têm que se deslocar desses bairros para o centro, a rua Dr. Torres Neves tem uma importância tal qual a ponte aérea para quem viaja com frequência entre a nossa Capital e o Estado do Rio, sempre com horário certo de chegada.

Embora tal comparação possa parecer pouco válida, especialmente se for levado em conta que são poucas as pessoas que já se utilizaram

da ponte aérea para atender a um compromisso urgente no Rio, o fato é que são milhares as pessoas que diariamente se utilizam da ponte de São João Batista — e, conseqüentemente, da rua Dr. Torres Neves — para chegar na hora certa em seus locais de trabalho ou em casa para o almoço, o jantar e o repouso.

Dada a essa sua importância como tramo de ligação entre o centro e os bairros da face leste da cidade, a rua Dr. Torres Neves se constitui, de há muito, numa das mais movimentadas, sendo o seu comércio dos mais desenvolvidos. A tudo isso, somam-se outras características, co-

mo o seu acentuado declive, seu calçamento com paralelepípedos (por sinal em estado péssimo em muitos pontos) seu tráfego bastante intenso, que lhe dá tranqüilo primeiro lugar em número de acidentes, etc.

A sua denominação é devida a sua homenagem da Câmara Municipal ao grande engenheiro patricio dr. Manoel Torres Neves, que ali residiu durante muito tempo numa casa aprazível hoje pertencente ao industrial Luiz Latorre, ex-prefeito da cidade. Também ali residiram, em passado distante, o coronel Eduardo Alvaro de Castro, proprietário de magnífica chácara que fazia li-

mite com a antiga Estrada de Ferro Sorocabana, e, mais recentemente, a Família Fortarel, Eduardo Tomanik, alto funcionário da antiga Companhia Paulista e um exímio violinista, Sebastião Gonçalves Dias e José Pedro Fagundes, que ainda ali permanece.

Conta o historiador Alceu de Toledo Pontes que durante muitos anos um grande trecho da rua Dr. Torres Neves era ornado com bambusais de ambos os lados. Devido ao perigo que a travessia dos trilhos representava para os transeuntes e à porteira que entravava o progresso de todo aquele setor, na ges-

chiarutti foi construído o viaduto que desponta como uma das maiores realizações desse administrador.

Nos dias atuais, a par dos atrativos do seu comércio, a rua Dr. Torres Neves seria uma das mais importantes agremiações recreativas da cidade, qual seja a Associação Esportiva Jundiense, que conta com várias piscinas, quadras de basquete, volei e futebol de salão dentro de um magnífico ginásio de esportes, e restaurante.

E' uma rua que, por sua importância, deveria merecer uma atenção mais carinhosa do Poder Público Municipal. tão do prefeito Vasco Ven-

Na barbearia e na avenida, e os sintomas do nosso progresso

— Só o cabelo?
— Também a barba. E uma aparadinha no bigode, como de costume.

Estava me preparando para a festa de logo mais, onde, julgava, iriam estar "as mais altas autoridades", além do prefeito e seu secretariado. Já por ser sábado, convinha me por no alinho. Ademais, quando se vai a uma festa onde não se é esperado, um pouco de aprumo sempre ajuda a impressionar o anfitrião. Bicão sim, mas bicão de casaca!

Na cadeira ao lado senta-se um indivíduo que em princípio me parece estranho, mas que, numa volta de cadeira, logo identifico: é elemento de confiança do sr. Alcaide. Ali tem início a conversa que passo a relatar:

— Como é que vai indo a Prefeitura?

— Vai bem, muito bem mesmo! No começo levamos bastante "porrada", mas as obra: agora estão começando a aparecer e todos que eram contra já começam a bater palmas. A divulgação pela imprensa ajuda muito, sabe?

— E você, está se adaptando bem em Jundiá?

— Jundiá é uma bela cidade, oferece muitas oportunidades para quem quer fazer seu "pé de meia" um pouquinho rápido.

— E veja que vai melhorar muito ainda! Áreas verdes, por exemplo, aqui ainda há bastante; é uma cidade que deixa você respirar. E o nosso prefeito vai criar outras, vai dar aproveitamento turístico à Serra do Japi... Isto vai ficar uma maravilha!

— É, vi no jornal.

— E o desfile de amanhã? Vai ser coisa linda, não? Com aquela avenida o prefeito tapou a boca de muita gente... Dizem que o custo foi muito alto, mas e daí? O que importa é que ela está lá! Sem dinheiro ninguém faz nada.

— No meu modo de ver, a primeira grande medida que o prefeito tomou foi aquele aumento de impostos que fez todo mundo chiar. Foi dali que se tornou possível obter os empréstimos e fazer o que se está fazendo. Quando tudo estiver pronto, ninguém sequer vai lembrar do aumento, podes crer.

— Nesse particular, eu também estou muito de acordo. Para mim, por exemplo, o imposto não aumentou quase nada... Antes eu pagava uma miséria por este ponto aqui. Além do mais, o prefeito é meu amigo, tudo o que eu peço para ele, é só telefonar, ele me arranja.

— É, tem que ser amigo mesmo! Para que ficar brigando, se é ele quem está com o poder nas mãos? Muitos não entendem que tem que se conformar, que não adianta chiar... Se o imposto foi aumentado é porque ele achou que tinha que aumentar e está acabado.

— Também acho. E esse negócio de dizer que ele está faturando com a Prefeitura, com a compra e venda de terrenos, isso é muito normal no meu modo de ver. Quem é que não aproveita, quando ocupa um cargo desses? Se esse está aproveitando, deixa ele aproveitar, ora! Ao menos ele está fazendo obras. E outros que não fizeram nada!!!

— Desse negócio eu não sei de nada. Se ele fez o que um jornal aí andou publicando, é porque estava no direito dele. É porque a lei não diz que não pode fazer. E com quem está dentro da lei acho que não se deve mexer.

Meu barbeiro encerra sua função, eu pago e desço até o Córrego do Mato para ver a festa da inauguração. Influenciado pela conversa, vou certo de que a cidade inteira estará presente, batendo palmas para o prefeito.

Faltando cerca de 15 minutos para as quatro, começam a chegar vários veículos oficiais e dezenas de carros particulares, a maioria trazendo gente conhecida da Prefeitura. Depois, seis ônibus com gente trazida dos bairros. Enfim, feito o binômio povo-governo, dá-se a inauguração. Todos desfilam, ida e volta. E vão. Sobra a banda, que vai como chegou: a pé ou de carona.

Celso F. de Paula

TAPEÇARIA BRASIL
forrações em geral
rua torres neves.224

doceria tatiana
vendas por atacado
cocada
coco ralado
bala de coco
maria mole
r.dr.torres neves - 198-a

Patinhas' Bar
o seu ponto de encontro na esquina da torres neves com prudente de Moraes
fone 40662

CASA TUPÁ
calçados
SAAD & ARAUJO LTDA.
r.dr. torres neves - 342

Comércio de Couros e Artigos para Sapateiros
r.dr. torres neves.338
fone: 6.4737 Jundiá
filial: r. são salvador,115 campinas

A MODA ELEGANTE
sempre novidades
r.dr. torres neves ...n:439

VIDRAÇARIA FRANCO
colocações de vidros quadros e molduras artigos DKP em geral
FONE: 6.7661
R. TORRES NEVES - 326

Jansonis & cia. ltda.
reportagens fotograficas em geral.
r. dr. torres neves,n:380 -fone:6.5139
Jundiá s.p.

AGÊNCIA DE DESPACHOS 007
licenciamentos, transferências, portes de armas, carteiras de identidade, etc.
fone 6.4083
rua torres neves, 278 Jundiá sp

PARAISO dos MOVEIS
televisores
refrigeradores
estofados
dormitórios
r. dr. torres neves,495 ... f.6.1217

Doceria Jundiá Ltda. Garoto
DISTRIBUIDORA de :
amendoim, doces, chocolates e balas
todas as marcas.
Rua Torres Neves, 292 - 6.7400
o telefone Doc da cidade

A Feira da Amizade (I)

REFLEXÃO

Inaugurou-se no sábado passado e está tendo seqüência a VII Feira da Amizade, um acontecimento de alto valor, onde sobressai a solidariedade humana e o despreendimento de uma representativa camada da sociedade jundiáense.

O evento em questão pode ser analisado sob os mais diferentes ângulos. Nesta e na próxima edição nos prenderemos ao exame do aspecto positivo da promoção, das suas omissões e dos interesses políticos que a envolvem, estes últimos bastante estranhos aos motivos que originaram esta realização das mulheres de Jundiá, mas que sempre — direta ou indiretamente — aparecem e merecerão nosso comentário.

A Feira da Amizade, em si, como a reunião de pessoas que entregam bens materiais e esforço pessoal para obtenção de meios endereçados à subsistência de sociedades filantrópicas, é por demais salutar. Merece mesmo, de toda a sociedade de Jundiá, os mais rasgados elogios e agradecimentos.

Nas diversas realizações já ficou provado o que a união, a vontade dirigida para o objetivo comum, pode produzir. Quantos necessitados já foram atendidos e socorridos com o produto dessa realização, participando os seus promotores com todo o esforço e calor humano na obtenção dos meios.

Não é só o resultado que justifica a Feira da Amizade. No desenrolar da organização e da realização há uma interligação espiritual entre todos os participantes. Nos dias do acontecimento, dá-nos a impressão de que a cidade está em festas. Há um lugar para se ir, bater um papo, ser servido por alguém não profissional de casas de pasto, mas que atende com carinho àquele que está dando sua contribuição de forma indireta.

No nosso modo de entender, é sempre válido apresentar uma crítica construtiva, mesmo com relação a um acontecimento desses. Ponderem os promotores.

Achamos que a Feira da Amizade deveria ser feita de uma forma mais genérica, alcançando todas as camadas da sociedade e proporcionando também aos mais humildes um entretenimento, forçando com que todo o povo participe do evento. Nos moldes como vem sendo feita, os humildes economicamente não têm condições de participar; não podem suportar, por certo, o custo de uma refeição nas barracas. Seu orçamento é por demais limitado para gastos dessa natureza.

Da forma como vem sendo feita, a Feira da Amizade não é uma festa do povo, não é para uma cidade toda, não propicia chance para que todos participem do evento, como seria de se querer ante a finalidade do evento. É, sim, um trabalho elogiável de uma camada social. Mas se fosse estruturada uma campanha para atingir toda a cidade, chamando todo o povo para participar, promovendo-se shows, instalando-se barracas externas com comestíveis populares, sobrando-se um modesto ingresso, entendemos que o resultado econômico seria maior.

Só o resultado, ao nosso ver, não é o que interessa do evento. A mensagem, a dedicação, o despreendimento, o dar um pouco de si aos infortunados, eis a obra espiritual de real valor. Toda a cidade deve ver e sentir a solidariedade humana objetivada.

Dizemos isso, porque, seria muito mais fácil e econômico aos colaboradores entregarem pessoalmente certa quantidade de bens materiais, podendo tal contribuição até mesmo superar o resultado de todas as operações, evitando-se compromissos, aborrecimentos, etc. etc. O fator primordial, entretanto, não é dar matéria, mas sim o esforço, o exemplo fraternal e o resultado produzido. Este, evidentemente, como consequência daquele. Uma coisa completa a outra.

O sentido da Campanha da Fraternidade, promovida pela Igreja Católica, tem muito mais de espiritual ao levar o cidadão a contribuir, do que a análise ou o "quantum" de sua contribuição. É isso que, no nosso modo de ver, deve ser feito com a Feira da Amizade, festa de uma cidade, de todo um povo que tem obrigação de socorrer os sacrificados pela sorte, pouco importando o montante que cada um pode dar.

O PENSADOR

Anulada na Justiça a concorrência irregular do DAE

Em decisão proferida na última semana, o Juiz de Direito Geraldo Mendonça de Barros Filho, titular da 4.a Vara da Comarca de Jundiá, reconheceu a existência de irregularidades no processamento da concorrência pública n.º 04-75 do DAE, decretando a sua anulação na forma do requerido pela firma Sanesul - Construtora, Saneamento do Sul Ltda. em mandado de segurança ajuizado contra o superintendente daquela autarquia, sr. Aloísio da Silva Ferrão.

A concorrência impugnada destinou-se à contratação dos serviços de assentamento de tubos, remoção de pavimentação, escavação de vala, reenchimento e compactação, execução das juntas dos tubos e interligação da rede com estações de recalque, reservatórios e redes existente, pelo que a Sanesul iria cobrar o total de Cr\$ 773.220,00 (setecentos e se-

tenta e três mil e duzentos e vinte cruzeiros), concedendo ainda um desconto de 10% (dez por cento) para o pagamento abreviado, caso fosse dada como vencedora da licitação.

Entretanto, a comissão julgadora das propostas optou pelo orçamento apresentado pela Tecimo - Construções e Engenharia Civil, cerca de Cr\$ 300 mil mais alto que o da Sanesul e, portanto, menos vantajoso para o Poder Público. Diante disto, a Sanesul resolveu impetrar mandado de segurança na Justiça, recorrendo, para tal, ao escritório de advocacia do dr. Ademécio Lourenção, que se dispôs a patrocinar a causa.

Dentre as irregularidades apontadas pela impetrante no processamento da licitação, acentua-se a utilização — pela comissão julgadora de critérios não usuais, ilegais e não previstos no edital de abertura

da concorrência, em vista do que concluiu, falsamente, que o preço ofertado pela vencedora (Cr\$ 1.042.175,00) era menor que o da Sanesul (Cr\$ 773.220,00). Foi ressaltado, também, o fato de não ter sido previsto no edital nenhum preço-base para os serviços, mas unicamente um "valor estimativo", deixando-se, pois de estabelecer "com clareza e precisão" critérios objetivos de escolha.

Na decisão do "mandamus", o titular da 4.a Vara asseverou que "o edital, em matéria de obediência aos requisitos legais de qualquer concorrência é de uma pobreza franciscana" (grifo nosso). E diante dos vícios insanáveis encontrados no edital, decidiu pela anulação da concorrência, recomendando a realização de outra, dentro dos ditames legais, se assim achar conveniente a administração.

A Prefeitura está sem dinheiro para pagar o Mosteiro de S. Bento

O Mosteiro de São Bento, cujo imóvel nesta cidade foi desapropriado em fevereiro de 1972, terá que aguardar até a posse de novo prefeito, no ano de 1977, para receber sua justa indenização, eis que, segundo o alegado pelo atual prefeito, o Município não dispõe, no momento, dos recursos necessários à quitação do respectivo débito.

Há questão de duas semanas foi enviado ao chefe do Executivo Municipal ofício requisitório do Juiz da 1.a Vara da Comarca solicitando o depósito da quantia devida ao Mosteiro, qual seja, Cr\$ 2.533.199,85 (dois milhões, quinhentos e trinta e três mil, cento e noventa e nove cruzeiros e oitenta e cinco centavos), montante relativo ao principal e custas decorrentes da condenação imposta ao Município nos autos da expropriação judicial do imóvel

onde foi construída nova praça no Governo anterior.

Respondendo ao ofício, o prefeito informou que "a atual disponibilidade da verba orçamentária do corrente exercício não comporta o imediato atendimento do pré-falado requisitório judicial", não podendo também o pagamento ser escalonado para 1976, último ano da sua administração, porque "a data do recebimento do citado requisitório foi posterior a 1.º de julho". Com essas desculpas e recorrendo ao disposto no artigo 117 e respectivos parágrafos da Constituição Federal, resolveu o prefeito adiar para 1977 a liquidação da dívida, quando, acrescida de juros e correção monetária, poderá estar ultrapassando os Cr\$ 3,5 milhões de cruzeiros, onerando sobremaneira o então já sobrecarregado primeiro orçamento do

futuro prefeito da cidade, herdeiro nato das parcelas iniciais dos empréstimos contraídos na atual administração.

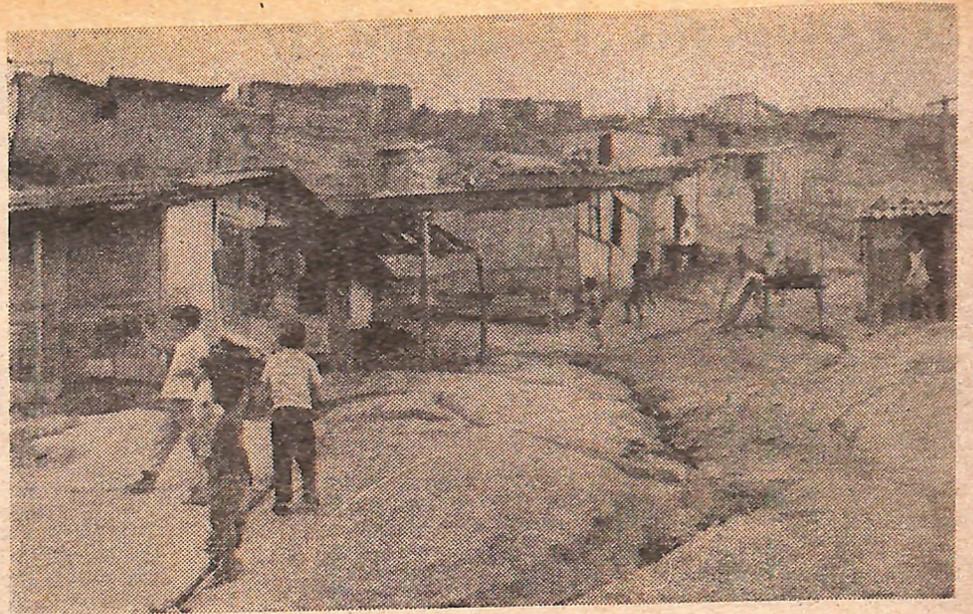
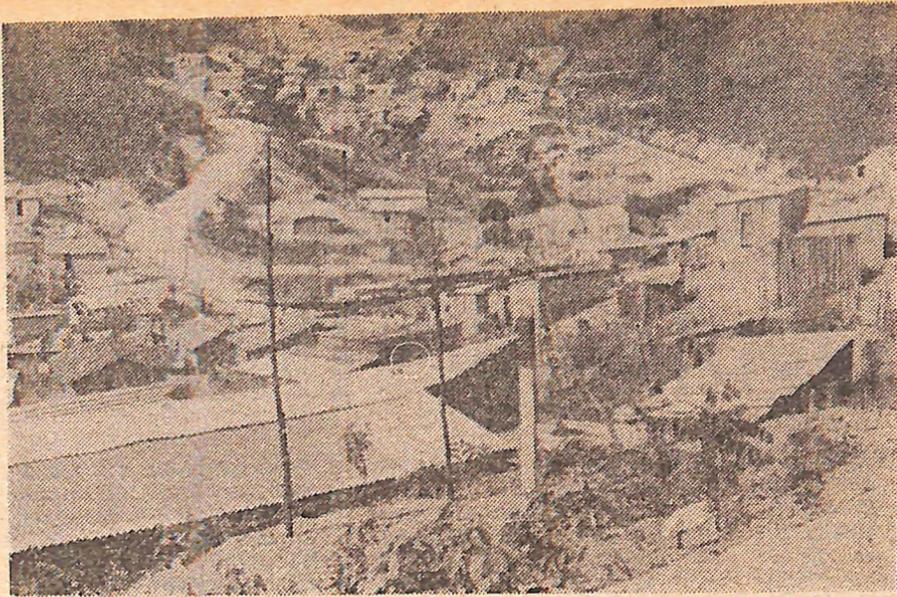
É de se observar a flagrante falta de coerência do atual chefe do Executivo, quando, admitindo o estado de insolvência do Município, apresentando-o como incapaz de saldar um débito já antigo à trissecular instituição do Mosteiro de São Bento, se põe ao mesmo tempo a intentar a desapropriação de um hospital — o Santa Rita — cujos equipamentos, somente eles, excederiam de duas a três vezes o valor mencionado no requisitório judicial supra-mencionado. Na certa desconhece o atual prefeito um dito bastante popular entre nossa gente, que lhe cabe: "Quem não pode com o pote, não pega na rodilha".

ESTAMOS CONCRETANDO MAIS UMA LAJE DO EDIFÍCIO QUE, ESPERAMOS, TENHA MUITOS OUTROS ANDARES,
PARA MELHOR ATENDER AO PÚBLICO.
ESTAMOS COMPLETANDO 8 ANOS DE VIDA.



Construtora Jundiá Ltda.

Rua Siqueira de Moraes, 578 — 8.º andar — Tel.: 4-1575 e 6-2056



Os favelados estão com ordem de despejo. O que se vai fazer por eles?

Enquanto se inaugurava a avenida de Cr\$ 100 milhões (bilhões antigos), que de pronto só beneficiaria os proprietários de veículos particulares, ainda assim aqueles que cultivam a sensação da velocidade — pois que a mesma não se presta ao transporte de massas, não interliga nenhum lugar com lugar nenhum — num dos morros do Jardim São Camilo erguia-se mais um barraco.

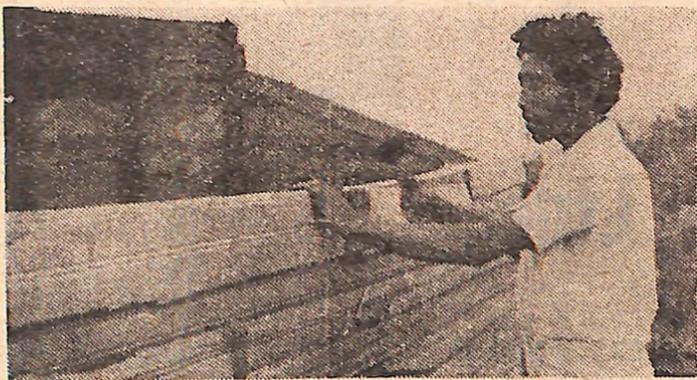
Era o cidadão José Miguel da Silva, pai de três filhos menores, senhor de uma renda mensal da ordem de Cr\$ 700,00, que aproveitava o fim-de-semana para cobrir seu cômodo de tábuas para onde iria mudar-se no domingo, deixando vago um outro, pouco mais acima, de onde recebera ordem de despejo fundada na informação de que por ali iria passar, dentro em breve, uma nova avenida, a qual deverá ligar aquele bairro ao Jardim Tarumã.

José Miguel pára um pouco com as marteladas para contar sua história ao repórter. Senta-se num barranco e relata:

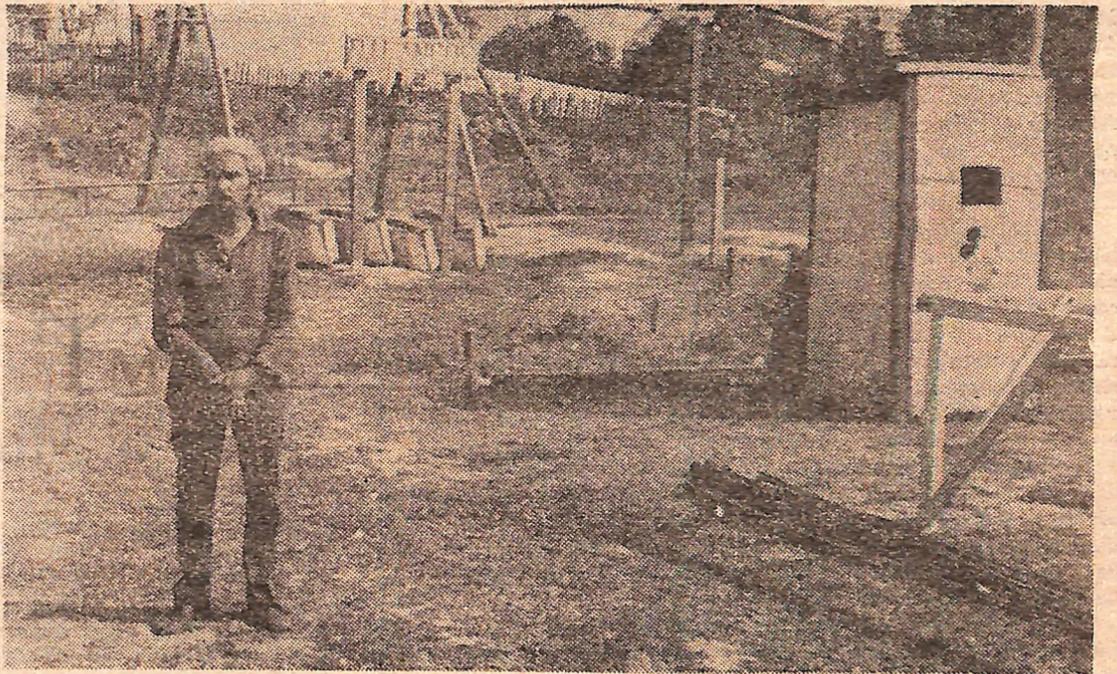
— Os homens da Prefeitura estiveram aqui com a polícia e botaram aquela demarcação, mandando que a gente mudasse mais para baixo. Disseram que aqui embaixo não ia haver problema, que a gente podia construir quantos barracos quisesse, até um bem juntinho do outro. E sabe como é, a gente não é de desrespeitar a lei... A terra não é nossa, fazer o quê?

Sua esperança é que a Prefeitura não vá tirá-lo do novo barraco. Lembrando que deu "um duro violento" para armar seu primeiro barraco no alto do morro, como garantia de que não será despejado do outro ele argumenta:

— Como é que a Prefeitura vai fazer para tirar toda essa gente daqui? Aqui tem uma população de mais ou menos 150 famílias, tendo muita gente com barraco construído há quatro ou cinco anos. O problema aqui é que ninguém sabe de quem é o terreno. Dizem que é da Prefeitura, mas agora fizeram aquela divisão...



José: "Um duro violento" no barraco



O parque de Vicente ficou, mas já não diverte mais a favela

O parque parou há cinco meses, ficando na favela

Entrando-se na favela por uma rua toda esburacada que dá acesso ao morro, pela esquerda, descobre-se um parque de diversões completamente abandonado. As armações dos balanços, carrossel, barracas e bilheteria estão semidestruídas, arruinados pelo tempo, quase cobertos pelo mato. As barraquinhas, que antes eram a maior atração do parque, estão agora atiradas ao chão, totalmente danificadas, não chamando a atenção de qualquer criança que passe pelo local.

O único sinal de vida naquele outrora alegre parque de diversões é a fumaça que escapa pelo telhado de uma das barracas, onde continua morando o proprietário com sua família. Faz cinco meses que não há mais função. Vicente Pereira, o dono de tudo, explica por que:

— Já faz três anos que cheguei com o parque aqui em Jundiá. Levei ele para quase todas as cidadezinhas desta região e depois vim com ele para cá. No primeiro mês o movimento foi muito bom, mas depois, como de costume, foi fracassando. Como eu estava muito doente, resolvi parar um pouco. Daí precisei vender o amplificador, as cornetas, algumas peças e já não dá mais para funcionar.

Vicente diz que gostaria de alugar uma casa para morar com seus três filhos, "mas com o preço do aluguel aqui não dá". Ele vive de uma aposentadoria de Cr\$ 480,00 por mês e é ajudado por dois filhos que já trabalham. "Um ganha de 500 a 600 cruzeiros por mês, porque por produção, e o outro está ganhando 300". Mesmo com essa renda de mais de Cr\$ 1.300,00 por mês, ele afirma que não dá para pagar o aluguel de uma casa, que, além disso, acha "muito difícil da gente encontrar".

O motivo da sua aposentadoria foi um problema de esôfago:

— Por causa do meu esôfago estreitado, não posso ingerir nenhum líquido ou alimento pela boca. Já passei por 28 operações, a última no começo deste ano, quando os médicos me abriram este buraco na garganta para eu me alimentar por sonda.

Mostrando-se, apesar de tudo, confiante numa melhora da situação, Vicente diz que de vez em quando aparece uma criança perguntando se o parque voltará a funcionar e ele diz que talvez sim. "Mas preciso comprar de novo o amplificador, as cornetas e muitas outras coisas para funcionar o serviço de som, que é o que atrai a garotada."

Abaixo da demarcação o terreno não dá para todos



No meio do morro, o marco divide o drama dos favelados

— Eu acho que vai ser muito difícil para a Prefeitura arrancar 150 famílias daqui em três meses. Onde é que ela vai por toda essa gente?

A afirmação e a pergunta acima são do pedreiro João dos Santos, outro dos favelados que recebeu ordem para se mudar do alto do morro no prazo de 15 dias.

Na segunda-feira, dia 8, ele já estava com seu novo barraco construído num local do morro. Apontando aos mais de 20 barracos que continuavam acima dos marcos colocados pela Prefeitura, comentava:

— A maior parte dessa gente está sem lugar para a mudança. Os debaixo não querem dar lugar a eles, porque estão ocupando os espaços com hortas ou pés de frutas. Veja aquele terreno ali, onde está aquela horta e aquelas bananeiras, dava muito bem para mais dois ou três barracos.

Ganhando cerca de Cr\$ 700,00 por mês com os serviços avulsos que executa como pedreiro-remendão, João não vê possibilidade de locar uma casa, por mais simples que seja, para abrigar sua família. Ele tem três filhos e junto mora um genro que no momento está desempregado, recebendo uma "ajudazinha" dele.

Em Mirassol, de onde vieram a procura de emprego, uma casinha de dois cômodos podia ser alugada por Cr\$ 50,00 mensais e uma um pouco maior não custava mais de Cr\$ 150,00 ou Cr\$ 200,00. Mas lá "a vida está dura, muito dura mesmo, porque não se acha serviço é só lavoura e a seca está matando o gado, as plantas, tudo".

Aqui, segundo pesquisa feita por João, "não se encontra nenhuma casinha de tijolo, mesmo só com dois cômodos, por mais modesta que seja, por menos de duzentos contos". E essa quantia ele diz que não dá para pagar com o que ganha e a família que tem para sustentar, "pois senão ficamos sem o que comer".

No morro não existe água. As mulheres levam as roupas para lavar numa bica situada próximo à fábrica de bebidas Passarin, de on-

de também se retira água para beber, banhar-se e preparar as refeições, estas feitas normalmente sobre um fogão improvisado com meia dúzia de tijolos.

Apesar de todas essas dificuldades, João parece gostar do morro. Diz ele que na favela "mora gente pobre, mas de qualidade", sendo muito raro ocorrer ali uma briga ou casos de roubo ou desordem. "Onde mora pobre, tem Deus junto", arremata.

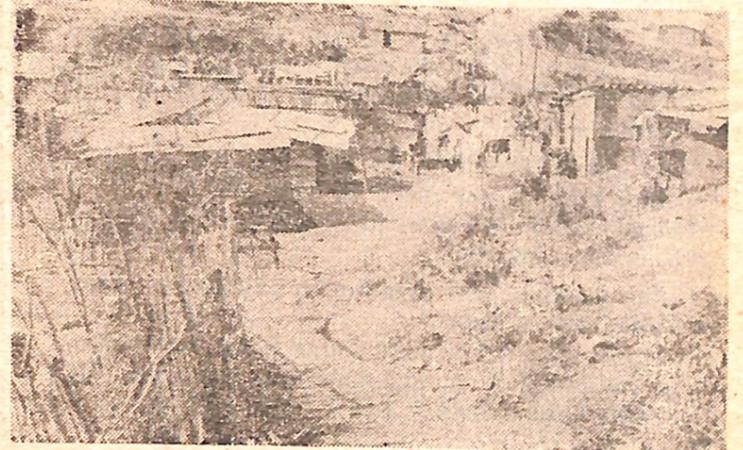
Sua preocupação, no momento, é a ameaça de ser desalojado do novo barraco. Segundo lhe disseram os homens da Prefeitura, dentro de três meses todos terão que se mudar também da parte debaixo do morro.

Olhando para o vale por onde a favela se espalha, João arrisca um pensamento:

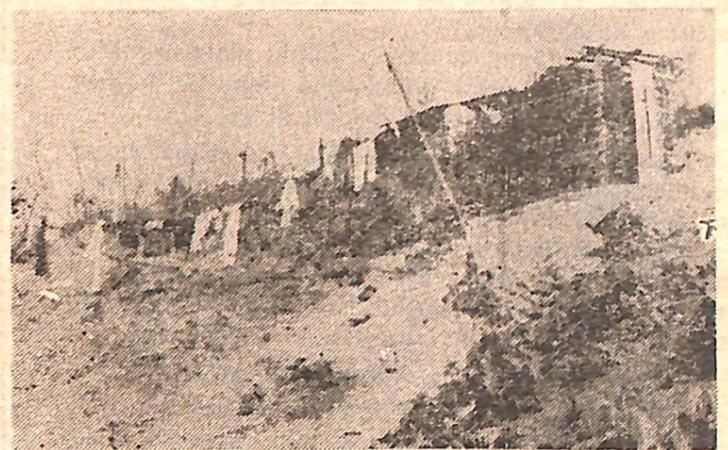
— Se querem mesmo tirar a gente daqui, porque não constroem uma porção de casas populares nesse terreno debaixo? Acho que aqui todos concordariam em pagar um pouquinho por mês para ter uma moradia mais decente. Falam que este terreno pertence aos órfãos, mas acho que a Prefeitura bem podia fazer alguma coisa por esta gente que só não sai daqui por causa dos preços do aluguel na cidade.



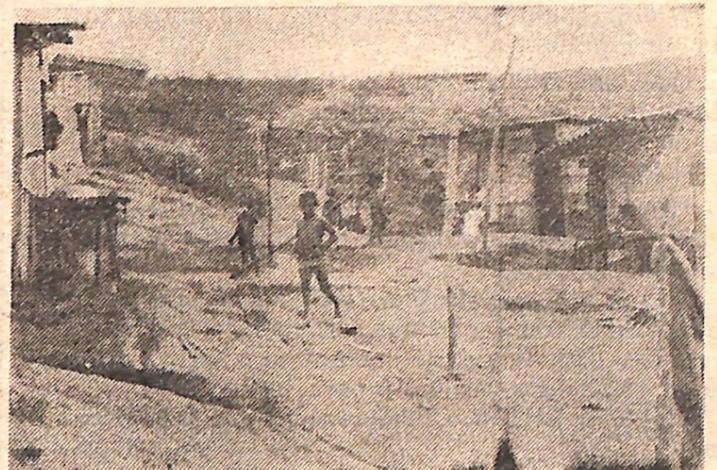
João: "O pobre tem Deus junto".



"Os debaixo também terão de mudar"...



"Da bica, a água da roupa e de beber"...



"Gente pobre, mas de qualidade".

De como Bartimeu vendeu seu sítio

Lá veio a perua levantando poeira, parou na porta da casa, e saiu um cara segurando pela alça uma caixa.

Nem precisou bater palmas, Bartimeu lá estava na porta. Bom dia, o senhor é o seu Bartimeu?

"As orde".

Se dar licença, me mandaram medir o seu sítio. "Ói Purque medir, são três arqueire".

Não sei, mas recebi ordem, o senhor pode me mostrar as suas divisas?

"Ói, deve ser coisa do Ibra. As terra começa onde o corgo encontra o valo; sobe rente ao calipá, vira na cerca até o bambuzá e acaba onde o corgo acha o bambuzá".

O cara abriu a caixa, tirou um negócio com três pernas de pau, botou em cima um binóculo de um lado só e disse: com sua licença, seu-Bartimeu, vou medir seu sítio.

Andava, parava, olhava na engenhoca, escrevia num caderninho, deu a volta do sítio e voltou. Até logo, seu Bartimeu.

"Mecê aceita um cafezinho"?

Obrigado, não.

"Mecê já mediu, pode me dá as medidas"?

Não sei, seu Bartimeu, preciso calcular, fazer um mapa e entregar na Prefeitura.

Lá se foi a perua e Bartimeu ficou cismando. Semana seguinte chega a mesma perua mas o cara era outro.

Nem cumprimentou o Bartimeu. Puxou de um cadernão, chegou perto da casa e começou a escrever, foi ao galinheiro, ao pomar, ao chiqueiro, sempre olhando e escrevendo.

Bartimeu desconfiado foi-se chegando ao cara. "Desculpe, mais o qui mecê tá fazendo"?

Estou avaliando seu sítio, o senhor é o dono? "Nascido e criado".

Então desculpe, me mandaram avaliar seu sítio. "Valiá, qui é isso"?

A Prefeitura achou este lugar bom para instalar uma indústria. Tem chão plano e boa água. E está pertinho da cidade.

"I eu onde vou"?

A Prefeitura paga o seu sítio, no meu cálculo até uns dois cruzeiros por metro. Até logo seu Bartimeu; e se arrancou.

Bartimeu ficou cismando. Sabia plantar milho, feijão, mandioca, criar galinhas e engordar leitões. Conhecia cada formigueiro de seu sítio.

E os dias passando e Bartimeu na cisma, desesperando. Dois cruzeiros o metro, quanto dá? Bartimeu conhecia alqueires, braças, palmos, e tarefas.

Num domingo, sol a pino, quando Bartimeu tomava sua cabrevana, entra levantando poeira um carro que não tinha tamanho. Brecou na porta e saiu um camarada de branco, bigodinho e gravatão.

Bom dia, o senhor é o dono do sítio?

"As orde, mecê tá servido? É da boa".

Obrigado, aceito. Sentou-se no banquinho e saboreando a branquinha foi puxando prosa. Bartimeu, embolado, foi soltando suas preocupações.

"Dotô, magine qui vão tirá meu sítio, diz qui prá botá uma indústria".

Que barbaridade seu Bartimeu, mais um pouquinho de pinga, por favor. Obrigado, mas ninguém tira as coisas dos outros. Acho que vão pagar por seu sítio.

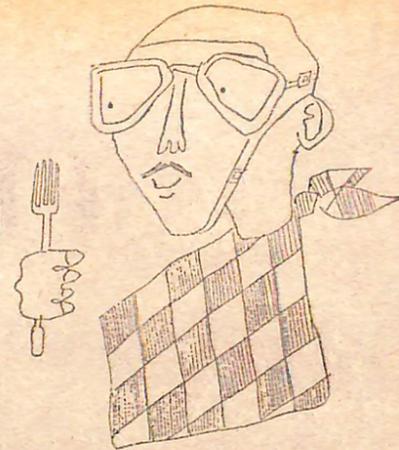
"Sim, siô. Disseram dois mil réis o metro. Perguntei pro cumpadre Tonico quantu dava mais eli num sabí carculá".

Mas é uma miséria, disse o bigodinho. O senhor, tão bom, não vou deixar que o roubem. Como gostei do senhor pago-lhe quatro cruzeiros o metro, o dobro da Prefeitura. Amigo é para isso.

E assim Bartimeu mudou-se para a Vila Esperança

Macunaima

Chico Landi, de garfo & garra



O "Betelinho" sempre me contava que em sua chácara no Jacaré, o Chico Landi "filava uma bóia" aos domingos. O Chico era à essa época — 1960 —, o maior nome do automobilismo nacional. E ele, "Betelinho", contava isso com muito orgulho, porque não havia quem não conhecesse Chico Landi, um mito dentro do automobilismo.

Certa vez, numa corrida pelo interior do Estado, se não me engano, uma corrida de São Paulo até Bauru, ida e volta, os carros passaram por Jundiá, na volta. Desciam pela rua do Rosário e viravam na esquina da Casa Aurora, em uma curva difícil, porque em descida para uma rua estreita, e em ângulo de 90 graus. O povo, inclusive eu, como sempre inconsciente e alheio ao perigo, se aglomerou exatamente nesse lugar para ver a passagem dos pilotos, entre eles Chico Landi, com o seu famoso Nash, seis cilindros em linha.

Foi essa a primeira vez que vi uma corrida, e estamos por volta de 1958. Mais tarde, numa oficina em São Paulo, consertando um outro Nash de meu pai (capotado por mim na estrada de Itatiba) eu vi o Nash Coupê do Chico Landi. Que assombro e que influência em mim! Nei sei quanto tempo fiquei olhando o carro em seus mínimos detalhes. Até uma bomba manual para jogar água no radiador havia. Aquela bomba, grande, com cabo de madeira para ser manejada pelo próprio piloto. Se não me engano, uma "aspirante-premente" redonda. E um banco muito especial, coberto de veludo marrom escuro, praticamente uma poltroninha, com

as laterais de pernas altas, para que o piloto conseguisse uma firmeza e apoio lateral para as pernas. A essa época seria simplesmente ridículo um piloto usar um cinto de segurança em um carro de corridas. Macacão retardante para fogo, então, nem sequer existia. Capacete era uma piada. O Chico tinha um marrom, de couro, que acredito ter conseguido na Europa. O restante da indumentária era uma calça e uma camisa velha, se possível de manga curta, quando o braço conseguia mostrar alguma boa conformação. Se não, uma manguinha comprida mesmo.

Mas o Nash-coupê do Chico Landi estava lá, especialmente guardado numa sessão da oficina da rua Teixeira Leite, onde o Chefe o "seu Schimidt" o exibia com orgulho. Anos mais tarde — 1970 — o "seu Schimidt" seria contratado pelo Greco, para construir os primeiros 25 carros de Fórmula Ford, baseados nos Merlyn 1968, que até hoje correm nessa categoria. Somente agora, em 1975, meus carros de Fórmula Ford começaram a correr e estão conseguindo bater esses "Binos", como aconteceu em Goiânia, Porto Alegre e espero que aconteça em Interlagos.

"Bino" foi o nome que o Artuzinho Mascioli (um dos donos da Viação Cometa) e o Greco, seu sócio nesse empreendimento de carros de corrida, deram aos Merlyn MK-II por eles fabricados numa enorme oficina no Cambuci. Quiseram prestar uma homenagem ao "Bino" — Cristian Heins — que morreu participando das "24 horas de Le Mans", representando o Brasil.

Antonio Carlos Avallone

Desde sempre festivo

Existem quem fale que atravessar a madrugada jundiaense é ato heróico. Quando se tem em conta que, a menor ameaça de frio, às 23 horas já não encontramos o menor vestígio da população, começo a acreditar na afirmação, ainda que por conveniência. Conveniência porque fruto de formação judicristã, existo com a necessidade do heroísmo e do martírio. Martírio certamente é enfrentar o gelo dos bares, a falta de opção nas companhias. Na ausência de heroísmo ou martírio maiores, fica-se martirizado pelas oportunidades jundiaenses e heróico ao preferir-las em detrimento a uma cama quente, ainda que só, o que certamente compromete a preferência.

A certa hora, invariavelmente, cai por terra qualquer outra alternativa e só resta o Bar Brasil, que chamamos JJ, com a esperança de um samba à meia-voz (o barulho é proibido pelo Dick), um bilhar para se perder ou um pimbolim com gosto de disputa.

Houve uma vez uma Jundiá com um clube, o Jundiáense, que oferecia entretenimento certo para a madrugada. Aliás, o melhor entretenimento, já que nada se compara a uma boa companhia. O Clube Jundiáense era, então, um ponto de encontro. O presidente, a par suas realizações no clube de campo, comparecia diariamente, à noite, na sede central, movimentando o social do saudoso clube. O Oswaldão ficava dividido entre os jovens no bar e os adultos na sala de jogos, contemporizando interesses. Assim, no

bar, cantávamos menos alto e no salão de jogo reclamava-se menos do barulho.

A polícia chega e, após algumas perguntas ao Dick, vai embora sem maiores alardes, apesar do silêncio que reina à sua entrada. A autoridade exerce um poder muito forte no brasileiro. Calamos, respondemos com um pé prá trás ou com muita força, como que se defendendo, como que dizendo que não se deve nada, como quem está diante de uma acusação. Isto à mais simples inter-rogação, como, por exemplo: "Onde é o mic-tório?". Só mesmo o Mário Augusto Bochino para, de bebuzinho, querer engrajar com o delegado sem ligar para os pedidos de que, com essa gente, é melhor não brincar.

Da sala de jogos mulheres bonitas, elegantes, simpáticas e de olhar atento exercem o devido controle nas músicas que parodiavam os sucessos de então: "Acente a luz", "Desmaia a mãe" e "O brotinho no sofá...". Isso ao som do Barquinho. O Bimbão, enxadrista da vida, instigava os mais jovens "A dúvida é ou não é a maior certeza?". O "delega" cantava "Twist and Shout"; Sérgio Teixeira, com o Flavinho Della Serra ao violão, vinha com música-sucesso de Nara Leão, "A mulher tem que lutar pelo homem e é deitada em pé, mulher tem é que trabalhar". Com dedilhadas de violão, minha voz ecoava alto na leitura de textos de João Cabral de Melo. Tudo muito festivo... muito festivo, como o tempo de hoje não deixa a menor dúvida... a menor dúvida a cidadãos do mundo em Jundiá.

PICOCO

Viação Jundiáense S.A.

TELEFONES:

ESCRITÓRIO

GERÊNCIA

OFICINA

6-6339

6-1304

6-3182

Rua Paulista n.º 216 — CP 299 — CEP. 13.200 — Jundiá-SP

O começo do fim

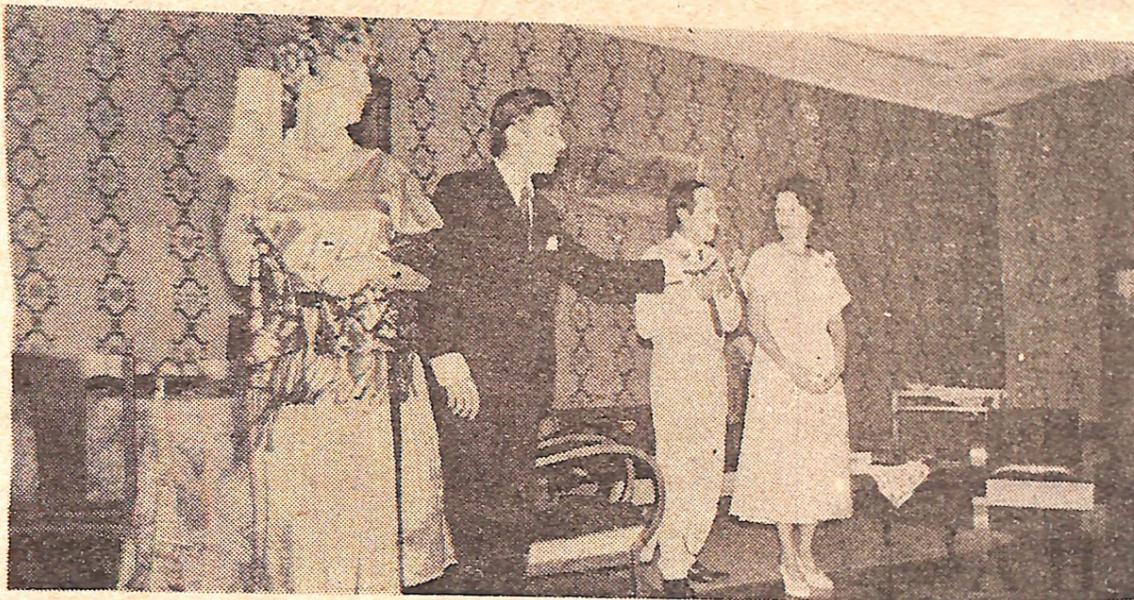
De um modo geral, as escolas de Jundiaí vêm procurando dar todo apoio possível às iniciativas de seus alunos no campo da arte teatral. Esse apoio, porém, não é tudo para que os nossos jovens consigam uma realização plena (não dizemos profissional) nessa arte, que em muito poderia contribuir para a cultura e o lazer tão reclamados pela população jundiaense.

Vejam só, a título de ilustração: tomemos um estudante com vocação para o teatro; ele já revela esse dote nos primeiros anos de sua vida estudantil, tomando parte das iniciativas em seu meio. Depois, com mais idade, alguma experiência, talvez até um desempenho brilhante no teatro estudantil, ele termina o curso de 2.º grau e vai para uma faculdade ou em busca de um emprego. Desliga-se daquele meio onde aprendia a fazer teatro. Já pessoa adulta, ele não vai querer continuar "brincando" de teatrinho! Quer coisa mais séria; quer ingressar num grupo de teatro amador; procura uma escola de arte dramática. Então, ele vai para São Paulo ou

Campinas, onde lhe serão oferecidas condições de aperfeiçoamento na arte, podendo então tornar-se até um bom ator, diretor, cenógrafo, coreógrafo, continuista, contra-regra ou até um excelente dramaturgo, mas, de volta a Jundiaí, o máximo que vai conseguir nesse campo é mostrar seu trabalho na praçinha do Forum, num clube local, por ocasião de um chá beneficente, ou na casa de algum amigo, durante uma festinha familiar, ou, ainda, ele vai aplicar seus conhecimentos ensinando outros estudantes com vocação para a arte teatral, os quais, quando saírem da escola de 2.º grau, irão procurar, em São Paulo ou Campinas... tudo isso dependendo ainda de muita sorte e força de vontade.

A muitos isso pode parecer uma piada. Mas, infelizmente, não é; é um fato corriqueiro em nossa Jundiaí. Deborah Dobretchi e Sandra Maria Boldrini, num trabalho realizado especialmente para o JORNAL DE 2.ª, estarão mostrando aos leitores, a partir desta edição, o que aqui tem acontecido com o teatro e também com a cultura musical.

Um primeiro exemplo: o TIPA



IMABS

O TIPA — Teatro Interno Padre Anchieta conta com cerca de 20 atores razoáveis e muito incentivo por parte da direção, dos professores e de numerosos alunos do estabelecimento. Sua origem está ligada à da Gincana Interna (GIPA) que o "Anchieta" promove todos os anos por ocasião das festividades em homenagem ao seu patrono. Até aqui o TIPA já pôde apresentar vários trabalhos, alguns considerados excelentes, baseados mesmo em peças escritas por seus próprios integrantes.

Enquanto suas realizações são mostradas nos limites da própria escola, tudo muito bom: os alunos estão entusiasmados, com mil planos etc. e tal. Mas, na certa, quando o grupo quiser se apresentar ao grande público (onde?), aí é que vai ser a sua decepção. Todo o entusiasmo de hoje, vai morrer e (quem sabe?) com ele algum ótimo valor profissional. A não ser que se construa o tão prometido e esperado Teatro Municipal de Jundiaí.

Outro: Instituto

Segundo observação da professora Cláudia de Luca, coordenadora pedagógica do Instituto, ali o teatro já começa a ser cultivado com uma certa preocupação oficial, ao contrário do que ocorria até pouco tempo atrás, quando tudo dependia da iniciativa dos próprios estudantes, aliada à colaboração de alguns professores.

No I.E.E.J. tem-se constatado um interesse maior dos alunos do 1.º grau pelo teatro. No primeiro semestre, quando o grupo formado na escola conseguiu montar sua primeira peça, a direção decidiu dar um apoio maior, pensando até mesmo na contratação de gente especializada no setor. Foi assim que, com a ajuda da Associação de Pais e Mestres, acabou sendo contratado o professor Antonio Luiz Januzeli para dar ao grupo a necessária e adequada orientação.

"A intenção da escola é atender aos alunos, fazendo um grupo de teatro-piloto, um grupo que possa ajudar na formação de outros e com isso possamos implantar a matéria de educação artística no 2.º grau profissionalizante" — explica a educadora.

No momento o grupo vem ensaiando a peça "Caiu o Ministério", que pretende levar em cena, no dia 20 deste mês, estreando o auditório da escola, depois de tudo reformado.

Os integrantes do grupo aprendem, inicialmente, a parte de expressão corporal, passando, em seguida, para a parte de dicção e decoração de texto. Em meio aos ensinamentos, eles são levados a assistir peças em outras cidades, o que tem servido para aumentar o seu entusiasmo, além de oferecer oportunidade de avaliar aquilo que já aprenderam.

Para essa primeira apresentação do grupo, marcada para o próximo dia 20, falta apenas completar o sistema de iluminação do auditório, o que vai depender de nova contribuição da A.P.M. ou então de um apoio da Prefeitura.

E mais outro: Rosa

O Teatro Estudantil Rosa, constituído atualmente por mais de 50 jovens, entre alunos e dirigentes, vem dando sequência aos ensaios de mais três peças com exibição prevista ainda para este ano. "Viva o Amor" e "Um anjo em minha casa" estão sendo ensaiadas desde o primeiro semestre. "Aventuras de um rapaz feio" é o trabalho mais recente do grupo.

O presidente do T.E.R., José Ariovaldo Figueiredo, afirma que tem recebido total apoio da direção do Rosa para o incremento do teatro na escola, especialmente por parte dos professores Fernando Leme do Prado, Evaporê Machado e Mercedes Rinaldi, além do dr. Ulisses Nutti Moreira, que se tem mostrado um grande incentivador do grupo.

Fora de Jundiaí, o T.E.R. já se apresentou em Sete Lagoas, Porto Feliz e Itupeva, com a peça "Auto da Compadecida", e também em Campo Limpo Paulista, com uma seleção de monólogos.

Para outubro próximo está programado mais um Encontro de Artes no Rosa, ocasião em que muitas peças de teatro, de autoria dos próprios alunos, serão apresentadas para julgamento, realizando-se, ao mesmo tempo, exposições de pinturas, esculturas e desenhos, concurso de poesias etc. Em novembro se realizará outro Festival de Monólogos. Ambas as promoções serão inteiramente organizadas pelo T.E.R.

"Com tudo isso estamos tentando incentivar os alunos, fazê-los se interessar por tudo o que se relaciona com a arte. Reunimo-nos todos os fins-de-semana com esse objetivo. Já pedimos à Prefeitura o Cine Politeama para termos melhores condições de trabalho, mas ainda não obtivemos uma resposta".

Essas declarações são do presidente Ariovaldo, que já começa a sentir dificuldades para o T.E.R. continuar seu trabalho no pequeno teatro construído pelo Rosa e não esconde a frustração de todo o grupo por não se ter construído ainda um Teatro Municipal na cidade.

Rua Barão de Jundiaí, 427, telefones: 6-6413 e 6-8231

Neste endereço, ou por estes telefones, você compra equipamentos, móveis de aço e madeira para escritório, máquinas de escrever, calcular e somar Olivetti, garantimos por este nome:

COMERCIAL PANIZZA LTDA.

O que atrapalha no futebol é a obtusidade dos que o dirigem

Embora não guarde nenhuma grande mágoa do futebol, o outrora famoso jogador santista Dalmo Gaspar reconhece que a obtusidade de certos diretores dos clubes profissionais é responsável pela interrupção da carreira de muitos bons valores. Ele deixou o Santos quando tinha 32 anos de idade e ainda tinha condições de fazer muito pela equipe que o fora buscar no Guarani em 1957. Sua saída do Santos e do cenário esportivo brasileiro deveu-se à política dos diretores da equipe: "Eles achavam que deviam ganhar mais os jogadores que já tinham pertencido à Seleção, o que eu achava desleal porque muitos reservas ficavam ganhando mais do que nós titulares". (Texto de Alberto Santos Rezende)

Depois de ter cumprido uma das mais brilhantes carreiras no futebol brasileiro e mundial, recebendo várias vezes ("seis ou sete, nem me lembro mais") a faixa de campeão paulista, uma vez a de campeão brasileiro, duas vezes seguidas a de campeão sul-americano, conquistando ainda os títulos de campeão mundial interclubes, campeão da Taça Guadalajara, campeão do Torneio Pentagonal do México, campeão do Torneio da Itália (1961) etc., o outrora famoso lateral esquerdo do Santos, Dalmo Gaspar agora com anos de idade, mostra-se indiferente ao que se passa nos gramados.

"Não vou a um campo de futebol para assistir qualquer partida se tiver que desembolsar o preço de um ingresso", diz ele sem se importar com a interpretação que possam dar à sua atitude. Não se lamenta, porém, de ter deixado o futebol em pleno auge da sua carreira: "Já estava preparado para isso. Prefiro me dedicar.

As recordações de Dalmo Gaspar do tempo em que se dedicou ao futebol remontam à idade de moleque, quando brincava no campo do Raio, onde hoje se situa a subestação da Light, no Vianelo.

— Com os meus amigos daquela época, ia nadar e caçar rã no rio Cachoeira, que era limpíssimo e muito procurado pela garotada. Eu gostava muito do Vianelo por ter aquele rio perto de casa e ter naquele brejo muita rã pra se caçar.

O primeiro par de chuteiras lhe foi comprado pela mãe, às escondidas do marido, pois este não queria que o filho fosse jogado profissionalmente. "Seu" pai queria que Dalmo desistisse dessa idéia, mas ele insistiu e conseguiu um bom emprego "para ser qualquer coisa na vida".

Mas foi mesmo através do futebol que Dalmo conseguiu realizar o desejo do pai: ser qualquer coisa na vida. Como desde criança já era um bom jogador, não demorou para

ser contratado para o juvenil do Sãopaulinho, time que existe até hoje e na época era orientado pelo técnico Moretti.

"Eu vivia no campo do Raio, onde tínhamos as "traves" com quatro tijolos e organizávamos nossas "peladas" que então chamávamos de treino. Enquanto brincava naquele campo improvisado, era observado por Moretti, que acabou sendo o seu descobridor para o futebol brasileiro e mundial.

"Moretti foi me buscar para jogar no juvenil do seu clube, isto por volta de 1946. No Sãopaulinho tinha outro garoto muito bom de bola, um que tinha o apelido de Cheirinho e era até melhor que eu; mas esse rapaz não teve muita sorte, só chegou a titular do Guarani de Campinas."

Em meio ao relato que faz ao repórter, Dalmo olha de relance para o lado, onde seu filho menor, de nome Fábio, está pulando sobre o sofá.

— Olhe a cabeça, filho! O pequeno se desequilibra sobre o assento do sofá e é jogado de encontro a parede, negando a chorar pela dor provocada no choque, embora não tenha recebido nenhum ferimento.

O garoto se acalma, Dalmo sorri e volta a falar:

— Quando se tem uma fortuna nas mãos, a gente lapida. Mas meu pai não sabia disso, isto é, não imaginava que eu poderia ter um futuro brilhante no futebol, como realmente tive.

Sobre sua infância, ainda relembra:

— Naquele tempo existia união nos bairros e eu tinha muitos amigos. Nossa turma era mesmo unida. Tínhamos o Cheirinho, o Jorge, o Sudatti... Sinto saudades do nosso tempo. Hoje é tudo diferente, as crianças parecem não ter amigos, vivem dispersas...

Passando ao futebol como "coisa séria", com 19 anos Dalmo assinava seu primeiro

contrato com o Paulista F. C. para receber Cr\$ 700,00 (antigos) por mês de 1951 a 1952. Depois esse ordenado foi elevado para Cr\$ 2.000,00 (antigos) e em 1953 já recebia Cr\$ 4.000,00 velhos de ordenado.

Comentando o quanto ganhava naquela época, Dalmo ri: "Era um ordenado, muito bom mesmo!"

Depois de frisar que antes já tinha defendido as cores do Comercial desta cidade, Dalmo lembra que no Paulista foi bastante prestigiado pelo técnico Arturzinho, que no ano de 1952 conduziu o time ao título de campeão regional. "Embora Arturzinho nunca tivesse dito que eu era um bom atleta, tenho a impressão de que ele já via muitas qualidades no meu futebol e por isso é que me dava todo incentivo."

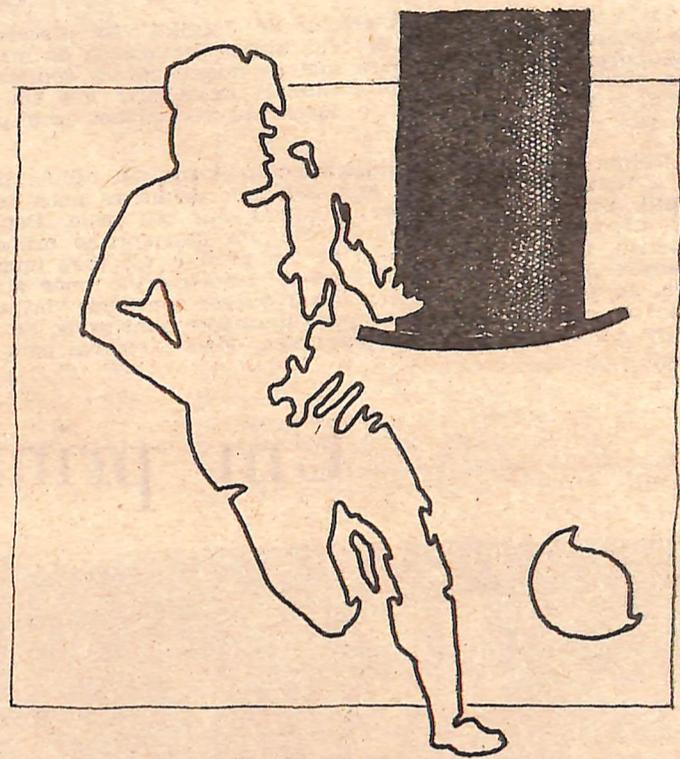
Em 1954 Dalmo deixou o Paulista, indo para o Guarani de Campinas, onde o Santos iria buscá-lo no ano de 1957, quando o jogador Edson Arantes do Nascimento começava a despontar como a maior revelação do futebol brasileiro.

Sua compra pelo clube de Vila Belmiro aconteceu depois de um jogo deste com o Guarani, onde Dalmo foi o melhor jogador em campo.

Dalmo não se recorda quanto recebeu na transferência do seu passe. Desculpando-se por esse lapso, ele explica: "Minha memória falha nesses números. Se a entrevista fosse com o Pepe, ele já diria, pois ele marca tudo: gols que fez, contratos, juizes etc. Eu nada tenho de futebol dentro de casa; só os troféus, que provam tudo quanto fui, mas que mantenho guardados dentro de um caixão velho."

Para essa atitude em relação às coisas do seu passado como grande futebolista, ele dá a seguinte explicação:

— Quero que meus filhos me vejam como um pai, não como um ídolo. Não quero que me idolatrem. Se distribuo meus troféus pela casa, estarei incentivando-os à prática do esporte, anulando



suas aptidões naturais, o que acho errado. Eles deverão ser, no futuro, o que for da vontade deles, o que quiserem ser.

Relembrando sua primeira partida pelo Santos, sua memória se aviva:

— Foi contra o Palmeiras e ganhamos por 4 a 2. O técnico era o Lula, que já conhecia meu futebol. Lula gostou muito do meu desempenho, naquele dia. Entrei no campo emocionado, pois estava fazendo algo diferente, estava jogando em um clube que estava numa grande fase e ao lado de grandes figuras como Dorval, Pagão, Pepe, Zito, Pelé, Ramiro e outros que tinham sido campeões paulistas em 1955 e 56.

Jogando pelo Santos, um de seus maiores momentos foi numa partida contra o Milan, da Itália, quando marcou o único gol, dando a vitória a seu time. "Na hora do gol, não foi nada; a emoção veio depois, como acontece a todos os jogadores, naquela comemoração, naquela euforia."

Houve, também, momentos difíceis e tristes em sua carreira, os quais, segundo comenta, são vividos por todo jogador, devidos, principalmente, à incompreensão de certos diretores. "O que desvaloriza muito um jogador é a obtusidade de alguns dirigentes de clubes", acentua.

PELÉ: GENIOSO E BRINCALHAO

Quando a Pelé, que conheceu "ainda menino, sem fama", Dalmo recorda:

"Ele já era um jogador muito bom, na época em que

fui para o Santos. Era titular etc., mas ninguém imaginava que ele iria ficar tão famoso como ficou; não tínhamos a menor idéia de que ele iria ficar conhecido como o rei do futebol brasileiro, como o rei Pelé.

"O líder da equipe, no meu tempo, era o Zito e recebíamos muita bronca dele. Pelé era um jogador muito visado pelas defesas contrárias. As vezes Pelé se perdia, isto é, queria dar chutes, brigar com os jogadores que o chutavam, e eu dizia pra ele ter calma, que, encarecendo, ele só dava cartaz ao adversário. As vezes ele concordava comigo, mas muitas vezes não concordava e me xingava. Nessas ocasiões, ele me dizia: Quer parar de fazer sermão, Dalmo?"

"Pelé era muito genioso, mas às vezes também muito brincalhão. Quando recebia pontapés dos adversários é que ele ficava bravo com a gente, mas, no chuveiro, tudo acabava bem."

Da sua convivência com os principais astros santistas, no seu período, Dalmo relembra, rindo:

"O Santos excursionava muito, naquela época. Um dia estávamos num país, depois fomos para outro e em nossos bolsos tínhamos dinheiro de várias nacionalidades. Coutinho já viajava conosco, com apenas 17 anos de idade. Meses antes ele tinha sido mecânico, em Piracicaba. Ao chegarmos à Bahia, de volta de uma dessas excursões, Coutinho perguntou-me, da forma mais ingênua possível:

— Dalmo, qual o nome do dinheiro que usam aqui?"

SEM BENFEITORIAS, RAPADOUROS ESTÃO AMEAÇADOS DE EXTINÇÃO.

— Se não forem tomadas providências, o nosso futebol, especialmente o amador e o varzeano, está fadado a desaparecer.

Essa advertência foi feita, dias atrás, da Tribuna da Câmara Municipal, pelo vereador Elío Zillo, líder da bancada situacionista, que ainda lembrou: "A densificação de moradias em quase todas as áreas livres do município tem feito sumir os "rapadouros", pondo em risco a existência de tradicionais times de futebol dos nossos bairros".

A queixa de Zillo junta-se a de seu colega de bancada, Romeu Zanini, pessoa bastante ligada a tudo o que acontece nos melos esportivos de Jundiaí, que não concorda com a

falta de apoio do Poder Público do Município aos clubes varzeanos, especialmente em relação aos campos esportivos. Nesses campos, sem vestiários nem alambrados, são disputados todos os domingos inúmeras partidas, tendo os jogadores e juizes de se vestir (trocar de roupa) no meio do mato, o que, na expressão do vereador, "é uma vergonha para Jundiaí".

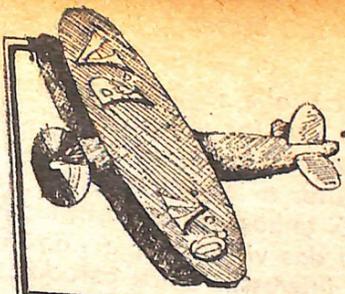
Como solução para isso, Elío Zillo sugere que a Prefeitura faça construir, de imediato, pelo menos dois vestiários em cada "rapadouro", cuidando, também, da preservação destes. Depois, é pensar-se na construção de mini-centros esportivos em todos os bairros, "a não ser que se mude os rapadouros para a zona rural, o que seria uma incoerência muito grande".



seguros
individuais
e
coletivos

agente em Jundiaí:
tenente Araújo

r. bom Jesus de Pirapora,
n.º 410 f: 6.7363



O QUE VAI PELOS ARES

Horóscopo, pão e banana

Carlos Camilo Castilho sempre tomava o Cometa para São Paulo pensando em sentar-se ao lado de uma jovem — de preferência dessas dignas de uns quatrocentos talheres, como diria Pessoa de Carvalho. Mas a sorte não estava a seu lado naquela quinta-feira: foi "premiado" com a companhia de um senhor visivelmente embriagado. E, pior, comendo pão com banana.

Nessas ocasiões, isto é, quando dava "zebra", Castilho abria o jornal para ler até que o ônibus chegasse a São Paulo.

— Vai um pão com banana aí, queridíssimo?
— Não, obrigado. Rá, rá, rá.

Castilho riu, pensando que se tratasse de uma brincadeira do companheiro de viagem. Pão com banana? Isso ele comia no tempo do primário, lá no "Pedro de Oliveira", onde fica hoje, o Hospital da Ponte. Bom, depois da risada amarela, Castilho continuou lendo o jornal, enquanto o colega devorava o pão com banana. Mas não conseguia ler sossegado, pois o homem olhava a todo momento para sua cara (dele, Castilho), e para a luzinha do ônibus (eram mais de 19 horas).

— A luz está incomodando o senhor? perguntou Castilho, preocupado.
— Não queridíssimo. Tô olhando porque não me conformo. Como é que você consegue ler com o ônibus dando soquinho e com essas "letrinha pequena" aí no jornal, coração?

— Ah! é que eu viajo todo dia, estou acostumado a ler no ônibus.

— Ah, é? Então vê pra mim aí como está meu horóscopo, aí nessa página. Essa "letrona" eu ainda consigo ler: ho-rós-co-po...

"Esse cara tá me cansando", pensou Castilho. "Vou tirar um sarro dele. "E leu" o horóscopo do colega:

— "Para melhorar de vida, o senhor tem que parar de beber e fazer longas caminhadas..."

— Tá gozando de mim? Não vem não...

— Não, amigo, é o que está aqui no jornal. Largue da bebida e...

Castilho não completou a frase. O homem esfregou o que restava do pão com banana (uns "43 minutos do segundo tempo") em sua cara e, vermelho de raiva, disse:

— Tá gozando sim, seu... Eu nem disse qual é o meu signo!

A. FERNANDES

UM SILÊNCIO ESPECIAL

Dia 24, quarta-feira, às 9 da noite, a Rede Globo vai apresentar o último "Caso Especial" deste ano.

Trata-se de "O Silêncio", de Nelson Xavier. É a história de um bancário em seu momento-limite, uma crise de autismo (alheamento total da realidade).

"A gente corta a comunicação quando está ferido ou quando tem medo de ser ferido. Sem coragem de enfrentar a ameaça." São palavras do médico tentando ajudar o paciente a vencer a crise.

"...você ainda não percebeu o perigo. O silêncio é de ouro, mas a mudez é meia morte. Não se contente em ficar bom, mas calado. Fala, Caio!"

Despesas de casa, luta pela sobrevivência, a vida mediocre desgastando uma relação afetiva — são os problemas que levam o bancário a desligar-se da realidade. (E.M.)

GOLDWATER IS FIRE!



O n.º 13 da revista "Status" publica matéria do "The New York Times", que prescreve Mr. Barry Goldwater como a salvação dos Estados Unidos.

Se não me engano, já passaram esse filme antes. Em Roma. Já faz um tempinho. (E.M.)

A lesma lerda

Existe um locutor de rádio, em Itatiba, que imita o Helio Ribeiro: gagueja, fala grosso, canta junto com o disco, traduz letras de música enquanto o disco toca. Bem feito pros dois. (E.M.)



A LA ITALIANA

Na década de 60 fomos invadidos por um gosto, nem tanto opressor, por música italiana. Agora surge um ótimo disco para os saudosistas: "Uma sera con Gino Paoli". Aliás, não é só pra saudosista não. As músicas são realmente sensacionais dentro de um espírito meio chegado pro passional. Composições de 60 a 63 deste violento compositor e intérprete Gino Paoli. É música pra todas as idades. Entre outras você pode conhecer — ou recordar — "SENSA FINI", "PERDONO" e "NON ANDARE VIA", mas o disco todo é muito bom. (PICOCO)



HORÓSCOPO

CARNEIRO: 21-3 a 20-4

Agora um passeio pelos campos. Mude o guarda-roupa, mas antes verifique se não sobrou alguém, lá dentro, do inverno passado. Colha os frutos, é época de poda. Se alguém lhe sorrir, floria.

TOURO: 21-4 a 20-5

Acerte as amizades de quem o cerca. Desça na próxima estação, dizem que é Mococa. Fale com seu rebanho, as reses, digo às vezes, andam meio dispersas. Nesta ocasião, faça valer sua marca registrada. Em todo caso, os homens da lei, os vaqueiros, os chefes, todo o elenco, vão saber que teu círculo de amizades está um estouro, neste período, e que tua vida é mesmo um espeto. Epa!

GÊMEOS: 21-5 a 20-6

Até quando? Passe pela Ducal e compre tudo novo. Personalize-se. Quando você der pela coisa, estará muito mais parecido com todo mundo. Não são só quintuplos o máximo, como andam dizendo. Aí você terá condições

de lutar de igual para igual. Isto não lhe deixa muito mais feliz? Não mais se confunda...

CÂNCER: 21-6 a 21-7

Justo agora que você ia começar a aproveitar a sua nova fase astral mais favorável... Pô, é um pecado, tão moça(o). Mas tem nada não, vamos lá, enfrente firme o silicose, faça de conta que tomorrow is another day. Agora na Suíça deve estar entrando o outono, é, meio frio, mas é maravilhosa a queda das folhas, os tons queimados. Como? Não, não doi tanto...

LEÃO: 22-7 a 22-8

Preso de uma jaula dourada? És muito benquista(o) pelas pessoas que te apreciam? Cobiças os nascidos em Touro? Odeias os de Peixes? Mas como, mas como? Comes e não te satisfazes? Perdes o apetite? Não usas mais bobes? Nem mais te manicuras? Nem mesmo a selva de pedra do teu "living" te entusiasma? Achas que os congêneres já vêm queimados? O "domínio" do cacique abalará teu

império? Não eremos, mas continuaremos a manter distância e nos correspondemos assim mesmo. Não mude de toca e me avise dos teus próximos saltos. Aliás, espero que uses mais sandálias...

VIRGEM: 23-8 a 22-9

Aproxima-se a primavera, a estação do amor. E como é que fica?

BALANÇA

Deste lado do ringue Cassius Clay, quase 2 metros, 140 quilos e o campeão, do outro, pombas, podia estar tanta gente... e não me venham dizer que é culpa do regime.

ESCORPIÃO: 23-10 a 21-11

axóp, odahlaparta arae euQ. Tem que ser sempre ao contrário? Vamos, endireite-se. Chega de beber tanta cicutá assim. Cuide do seu fígado e não frequente lugares tão sombrios. Você vive só e é tão agressivo, um dia você acaba machucando alguém. vai ver. E pare de rebolar enquanto estou falando.

SAGITÁRIO: 22-12 a 20-1

Macrobiótica? Nem com receita médica. Procure outros sítios, fazendas, chácaras e quintais. Temos excelentes ofertas. O campo está propício. Ótimos investimentos no setor. Já o vetor...

AQUÁRIO: 21-1 a 19-2

Você não está levando a sério essa de terra prometida, época de ouro e outros bichos, está? Do jeito que a coisa vai indo, por aqui, terra prometida será mesmo só o Parque dos Ipês. E, as coisas andam pela hora da morte, como se nós não soubéssemos, não é mesmo? Bem, vocês podem, não têm telhado de vidro, cumé? E hora de deitar e rolar, entornar o caldo. Ano que vem tamos aí, "as águas vão rolar..."

PEIXES: 20-2 a 19-3

Você é da turminha do "não engulo qualquer uma?" Vai se dar mal nestes nossos caudalosos riachos. Por falar nisso, viu quanta gente? Ah, deixe dessa história de "nossa, estamos fritos", tamos na-

da (nada?). O povo até que aproveitou, sábado e domingo, pra lá e pra cá, pra lá e pra cá... um movimento... Período desfavorável. Novas inundações. Desovas? Um bom filme: "Nas malhas da sedução". Divirta-se. Skoll!

CAPRICÓRNIO: 22-12 a 20-1

Novos pastos, novas eras? Suba pelas paredes então. Solicite pelo reembolso postal uma boa explicação. Podes viajar. Mas vá devagar, pelas sombras das encostas. Esta próxima estação ainda é all, no fim da av. Rio Branco e aceite esta sugestão: seja férrea como a SJ, tenha força de vontade. Às vezes, os de Capricórnio também usam a cabeça e não se enroscam. Ótimo período para bons presságios. Os maus terão sua vez. Contudo invista sempre. Aos tímidos, good bye. Aos eufóricos, Good Year, aos inseguros, Firestone. A todos, surpresas, na chegada.

MR. SPRINGTIME

O chato é isso...

... você saber de cor os nomes de todos os conjuntos de rock da pesada e ficar em DP de inglês, no colégio.

... você contar tudo que sabia pra namorada e esquecer que é casado.

... você achar que os trombadinhas são um caso de Polícia, mas sonegar o imposto de renda.

... você achar que a sua empregada é uma desajeitada pra lidar com

os cristais de família, mas descontar o dinheiro do ônibus do ordenado dela.

... você achar que a análise está lhe fazendo um bem incrível e passar quatro horas no cabeleireiro, porque amanhã é dia de consulta.

... você achar um absurdo o preconceito racial porque, afinal de contas, não tem nada "Contra essa negra".

... você escrever uma carta inteirinha, pra se fazer entender nas entrelinhas.

... você, entende, fazer um curso, entende, de quatro anos, entende, pra se formar, entende, em comunicação, entende?

... você negar uma esmolinha para a velhinha, porque o dinheiro não é seu, foi arrecadado com muito

esforço na sua barraca, na Feira da Bondade.

... você, que sempre se sacrificou por ele, que faz todas as vontades dele, que sempre procurou encobrir as faltas dele, ter a infelicidade de um filho que rói unhas, pisca continuamente uma das vistas e que não há meio de se interessar pelos estudos.

... você depender só do seu ordenado e dizer, gentilmente, "sempre às ordens".

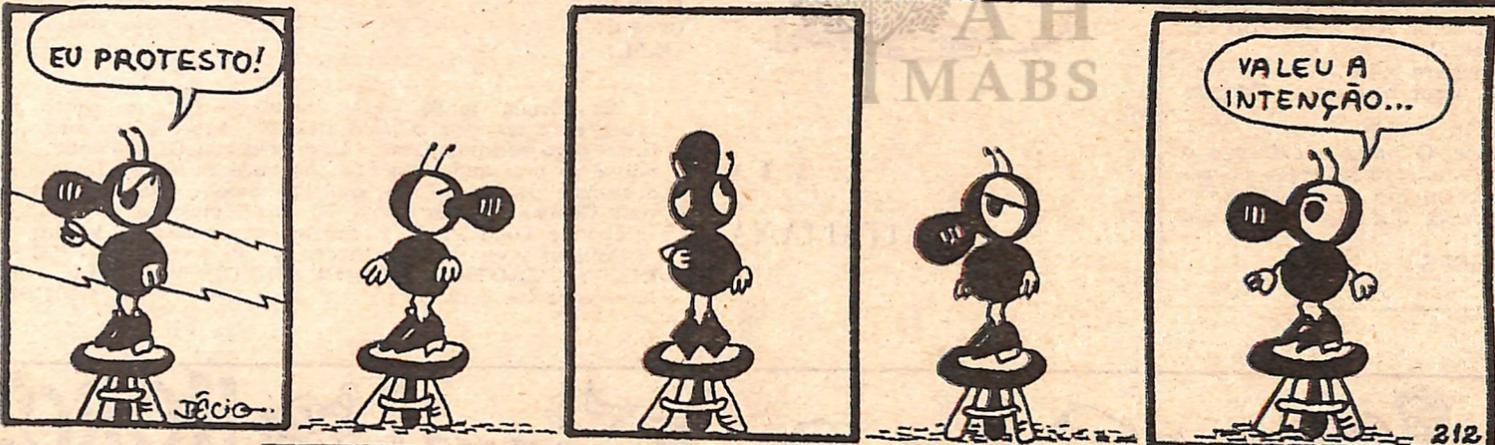
... escrever uma carta acusando, para um jornal, uma grave falha da administração pública, mas assinar um nome falso.

... você, doente de tédio, ficar em casa sozinho.

... você ser um exímio jogador de truco e ser glizado na Cédula 2.

Alves Monteiro

GIL



DIPLOMINHA EM FRANKFURT



Maria Luiza Gut (foto) foi a representante da Abite - Imóveis e Turismo Ltda. no curso de tarifas e comissões recentemente realizado na cidade de Frankfurt, Alemanha, sob os auspícios da Luftansa Transportes Aéreos, com passagens e estada pagas para um grupo de apenas 15 brasileiros. Além dela, participaram do curso mais quatro representantes de agências de turismo do nosso Estado, quatro do Estado do Rio, um do Rio Grande do Sul, um de Santa Catarina, um de Minas Gerais, um de Goiás e dois de Salvador. Além de adquirirem conhecimentos sobre reservas de passagens e de hotéis, roteiros turísticos, horários e escalas etc., os convidados da Luftansa puderam desfrutar de inesquecíveis passeios pela bela Frankfurt e seus arredores. É só conversar com a Maria Luiza que ela conta tudo.

A MATEMÁTICA NUMA OBRA DO PROF. VALVERDE



Ao que se informa, nos meios escolares de Jundiaí, dentro de no máximo dois anos estará chegando às livrarias uma obra do prof. Wilson Valverde, que tratará de tudo que diz respeito à Matemática. Em virtude desse trabalho, que será apresentado em oito volumes, o prof. Valverde acha-se licenciado de sua cadeira no Instituto de Educação Experimental, prosseguindo com suas aulas apenas no Colégio Técnico de Jundiaí.

N.&O.

MICHINORI, 1.º TURNO

Michinori Inagaki, que há dias foi selecionado para a Bienal Internacional de São Paulo, acaba de receber "menção honrosa" no Salão Paulista de Arte Contemporânea.

Entrevistado pelo J. 2.a, logo depois desta segunda conquista, o nipo-jundiaense Inagaki declarou: "Como disseram os coríntios no Campeonato Paulista do ano passado, quando o Corinthians foi campeão absoluto do 1.º turno: é melhor do que nada". (E.M.)

QUEM SABE POR QUE ESTAS COISAS?

Recado deixado sobre minha mesa, na manhã de quinta-feira (encontrado às 11h30), pela secretária: "Não sou jundiaense, mas moro em Jundiá desde fins de julho de 1968. Sou professora primária e moro no Jardim São Bento. Se possível, gostaria de saber: 1) Por que aquele matto entre o Jardim Ana Maria e a chacinha Mouran ainda não foi loteado? 2) Por que só o sinal verde não funciona no cruzamento da Av. Dr. Cavalcanti com a Rua José do Patrocínio? 3) Por que ainda não foi desapropriado o casebre existente entre as ruas Victório Rossi e Euclides G. Oliveira? 4) Por que o desfile do "Dia da Pátria" foi na Avenida Nove de Julho e não na Avenida Córrego do Mato? 5) Por que uma grande chácara, situada na Avenida J. J. Rodrigues, próxima a uma igreja e atrás da Câmara Municipal, não foi ainda desapropriada? 6) Por que não existem sinais de trânsito em frente ao Grupo Escolar situado na Rua Dino?" Quem souber, por favor nos escreva: Rua Senador Fonseca, 1.044. (C.F.P.)

PALMAS PRA ELE

Inaugure-se uma avenida. Gaste-se meio orçamento plurianual de uma só vez, invista nas terras circunvizinhas, compre bastante lotes nas marginais, passe sobre ela um "bom asfalto quente". Espere uma data cívica bem significativa. Acelere ao máximo o término dos trabalhos. Use quantas páginas dos jornais quiser para conseguir difundir o fato. Diga que foi um enorme esforço conjunto. Convide quantas autoridades puder. Arranje uma fita com "muitos laços entre nós". Ilumine feéricamente. Suspenda a venda desses lotes, e dos demais, por consequência e espere até que o meio quadrado suba a Cr\$ 1.000,00 (um mil cruzeiros) a unidade. Diga que vai tudo bem. Ai, jogue panfletos na cidade, em nome da Câmara Municipal e convide o povo na véspera, dia 5. Tudo arranjado? Então vá inaugurar. Como? Não tem ninguém? Tem nada não. Arranje seis ônibus. Saia buscando "o povo" da periferia. Diga que o passeio é grátis. Tudo pronto agora? Desate a fita e receba o afeto que se encerra etc. etc. — EDUARDO

TEJE PRESO

"Pela presente comunico-lhe que se encontra neste Cartório, Executivo Fiscal n.º proposto contra V.S. referente ao exercício de requerido pela Fazenda Municipal de Jundiá, já em via judicial, acrescido de juros, multas, correção monetária, honorários advocatícios e despesas processuais.

Solicito o seu comparecimento neste Cartório, à rua Rangel Pestana n.º 217 (Pátio da Prefeitura, anexo à Procuradoria Judicial), no prazo de 3 (três) dias, a contar do recebimento desta, para liquidação do seu débito.

Jundiá.

Atenciosamente,

Oficial de Justiça."

Muito bem. Quem já recebeu tal intimação? Nada entendemos de Direito, mas isso parece papo de Direito Processual. Neste caso, o bom senso nos faz entender que a Prefeitura é parte interessada e não pode coagir ninguém a comparecer em suas dependências, para saldar uma dívida. Ela, ao que parece, pode pedir ao Poder Judiciário que notifique o devedor a comparecer no cartório do Poder Judiciário. Lá há gente da Justiça qualificada para atendê-lo. O processo deverá ficar no cartório do Fórum, e não na Prefeitura que é parte. Ela pode ou não pode praticar atos de competência do Poder Judiciário? É lógico que não. Neste, como nos demais casos, cada macaco no seu galho. O que achamos interessante é o fato de a Prefeitura ter contratado um serventuário do 2.º Ofício, para organizar e comandar o Cartório Municipal, nas dependências da Prefeitura. Também errado. Iremos colher melhores informações, e, depois, para quem tem em mãos tal ofício, explicaremos. E o oficial de Justiça, para intimar ou citar, deverá ter um mandado do juiz. Tais ofícios vêm sem timbre oficial e desacompanhados de mandado, portanto sem qualquer valor jurídico. "Tenho dito" sic nosso amigo Rui.

A CÂMARA ESTÁ DECIDINDO

Apesar da maioria dos vereadores jundiaenses já ter se manifestado desejosa de receber o **Jornal de 2.a**, semanalmente, em suas casas, ou então na própria Câmara, por ora apenas uma parte deles reservou suas assinaturas, estando os demais no aguardo de uma deliberação da Mesa a respeito da indicação n.º 3.232, de iniciativa de José Silvío Bonassi, para que aquela Casa de Leis efetive algumas assinaturas. Quer dizer, enquanto isso, eles continuam precisando buscar seus exemplares nas bancas da cidade, às vezes com risco de ficar sem, porque a edição foi esgotada. (C.F.P.)

ERRO DE MARKETING



Existe, em Lisboa, um salão de cabeleireiros para homens, o "Príncipe Elegante", onde você paga 120 cruzeiros por um corte de cabelo e manicure.

O "Príncipe Elegante" foi inaugurado no dia 20 de abril de 1974. (E. M.)

AMEAÇA GUARANI?

A URSS e os Estados Unidos propuseram, em Genebra, a proibição do uso de armas meteorológicas (técnicas capazes de provocar terremotos, maremotos, secas, etc.) nas guerras futuras.

O governo do Paraguai não se manifestou, ainda. (E.M.)

CUMÉ, VAMOS ASSINAR O "SEGUNDÃO"?

Tem muita gente perdendo tempo com cálculos e mais cálculos matemáticos para saber se compensa ou não assinar o **Jornal de 2.a** pelo preço de Cr\$ 100,00 anual. Ora gente, deixa disso! O ano tem 52 semanas, não 48. Dá pé sim! E vejamos que 100 pratas é preço de promoção, só até o fim do mês. Depois vai dar enchente (goada já foi) e vai ter aumento até no exemplar avulso. Disquem logo para cá ou venham pessoalmente: 4-2759. Senador Fonseca, 1.044. (C.F.P.)

PODE CHORAR...

Em "Cenas de um casamento", de Bergman, existe o depoimento de uma mulher em idade madura, em vias de divórcio, que arranca todo o desabafo da opressão que pesa por sobre a mulher. Triste, anargo, violento e angustiante. E real. E, lamentavelmente, ignorado.

E você acaba não achando a saída do cinema e nem qualquer outra. Pode chorar com o que Bergman mostra, acusa e não deixa alternativa senão mudar.

O filme é cartaz no Paulistano, Avenida Brigadeiro Luiz Antonio, São Paulo. É melhor ir porque este não chega mesmo a Jundiá. (PICOCO)

PODE SER TROTE

E deu certo. Podes confiar na força da propaganda. Quem esteve por lá presenciou. Enquanto os menininhos desfilavam, comemorando o dia pátrio, numa das encostas da Córrego do Mato, ou podes me chamar de Nove de Julho, os mos íntimos, parados, embaixo (afinal embaixo juntos ou separados?) de umas frondosas árvores remanescentes na região, lá estavam, apeados (e agora pasmem) dois cavalos arreados, bonitinho e seus respectivos cavaleiros. Até aí, nada de anormal, estamos acosumados. Não fora pelo estilo, pela calça Lee, certos arcos de vaqueiros, nós acharíamos que estávamos realmente na terra prometida do sabor inconfundível de Marboro... É, a coisa pega. EDUARDO

KUNG-FU JUNDIAIENSE

No posto Marreco está aberto um Curso, com urros e tudo, de Karatê. É o KARATÊ - DO TANAKA. Para os interessados é só chegar e começar. Haverá uma demonstração, no Bolão, para quem possa se interessar. Se você quer ser campeão nesta luta de cavalheiros, corra a se inscrever que não são muitas as vagas. É lá no posto MARRECO. Depois desta propaganda gratuita, vamos ver se sobram algumas vagas para a equipe do "Jornal de 2.a". Como diria Mariázinha Congilio, desde já, "caixinha, obrigado". (PICOCO)

TEATRO SEM TEATRO

A peça "Godspell, a Esperança", mostrada no Rosa dias atrás, me pareceu um excelente trabalho, considerando, principalmente, as dificuldades do Grupo de Teatro Livre para ensaiá-la. O GRUTL já esteve antes no Gabinete de Leitura, no Instituto, no Grêmio, na Faculdade de Medicina e no Colégio São Vicente, sendo quase sempre aplaudido de pé.

Com o teatro (casa de espetáculos) que lhes foi prometido naquele dia, as coisas deverão melhorar ainda mais. (Deborah)

OVO & GALINHA

O senador Benedito Ferreira (Arena-GO), falando durante uma sessão daquela Casa, atribuiu a corrupção "ao excesso de liberdade de imprensa e à incontinência verbal de alguns Ministros do Tribunal de Contas.

Uma menininha que conheci (5 anos, Santos) me disse, certa vez, que se não existissem tantas árvores, não ventaria tanto nesta terra. (E.M.)

OUTRO RECADO

"Moradores da Ponte São João, Rua Dino, reclamam de um córrego que passa pela Rua Carlos Gomes, Vila Graff e Vila Aparecida, exalando tremendo mau cheiro. Resolveram comunicar ao **Jornal de 2.a** por notarem a diferença que existe entre ele e os outros córregos de Jundiá. A secretária." OK (C.F.P.)

EM TERRA DE CEGO, QUEM TEM UM OLHO FAZ LEI



É possível que Jundiá tenha tanto cego como prevê Henrique Victorio Franco; porém, talvez nem tantos tenham cães de guia como calcula o vereador, de modo a justificar o projeto que apresentou quarta-feira passada. Imaginem que Franco pediu permissão de trânsito ou permanência nos locais públicos do Município (notem que essa palavra é mais abrangente do que cidade) de cachorros guias de cegos. Não é questão de fazer mundo-cão com o acontecimento, mas se o projeto virar lei isso vai ser uma cachorrada com os homens da carrocinha, que terão de soltar os cães que laçaram ao saberem de suas imunidades. (ABE)

GENTE

"Gente", o último livro de Fernando Sabino coloca ao leitor uma visão ampla da nossa sociedade, entrevistando personalidades que atuam nos diferentes campos de atividade humana. Sem cair nos gastos modelos tão em moda na televisão brasileira, onde entrevistadoras conhecidas não vão além do "Que você acha de tal coisa", Sabino nos apresenta seus entrevistados como anfitriões de rápidos bate-papos, onde os mesmos crescem como valores humanos, usando para isso, para expor de forma muito agradável, através de instantâneos do passado, o quanto seus personagens representam de válido para a sociedade.

Não apenas pela forma, mas muito mais pelo conteúdo, "Gente" é livro que deve ser lido. (Wolf H. Nossak)

LEIA E COMENTE O JORNAL DE 2.a

na hora:	de seu encontro com os amigos.	pratos árabes pizzas
lembre-se:		rua do rosario, 239 f:42669
KUNIBI		
KANDI		

Edson de Castro vem mesmo a talhar

Edson de Castro é um artista que fatura alto, tem 26 anos, iniciou com 16 a fazer talhas e deu certo. Contra tudo e contra todos. Vai todo domingo à praça da República, e tem sua visão à respeito de Arte. Viajou muito pelo Brasil, mora em Jundiá, conheceu sua transa no meio de comunidades hippies e agora seu instrumental vai sendo chegado. Bem disposto, fala, em curto espaço, ao Jornal de 2.a. Conceitua e é conceituado.

Atualmente, Edson, você é o artista mais famoso de Jundiá, muito mais pelas suas últimas declarações do que pelo teu trabalho, que a gente conhece. O que a gente tem pra te perguntar, primeiramente é o seguinte: É verdade que você acha que todo artista ou é bicha ou é louco?

EC — Bom, isto tudo é distorção daquilo que foi dito. Fui convidado para bater um papo com os alunos da 3.a e 4.a séries ginásiais do Instituto Experimental de Jundiá, agora as 7.a e 8.a séries. Em certa altura lá a profa. Sônia Carletti mandou um aluno perguntar por que o artista ainda era marginalizado, então, o que a gente pensa, e eu disse olha, se criou um conceito em volta do artista, seja ele músico, do teatro, pintor, pode fazer aquilo que fizer, passou a receber o cognome de artista, ele é taxado de bicha ou

de louco. Você pode chegar em casa e dizer que esteve com um artista e vai ouvir: Que jeito que ele é? Olha que esse cara ou é bicha ou é louco. Deturparam e viraram o negócio.

J2 — Ta bom, então não é o seu pensamento a respeito do artista?

EC — Não, é que quando eu entrei lá, a molecada bateu palma, começou aquela gozação, por causa daquele negócio de "skating", natação, então eu conheço todo mundo então eu subi lá e eles pediram: dá uma voltinha. Dei uma rebolada e expliquei que eles estavam conversando com o maior burro, um autodidata, que sou eu, e daí continuei dizendo que quando eu comecei, tinha fama de louco, de mil e uma e que nem na minha família queriam que eu fizesse escultura e aí eu falei que graças a Deus a única fama que eu

tenho hoje é essa de bicha. Eles caíram na risada. E aí eu falei que esse era e é o conceito que se tem.

EC — Eu não tenho conceito sobre arte. É esquisito, eu não tenho uma instrução, assim violenta, para fazer certos conceitos, fora daquilo que eu faço, e daquilo que eu sou. Porque eu fazendo arte, que eu não acho que seja arte, estou tentando fazer alguma coisa. O que eu gosto de fazer é o expressionismo simbólico, isso eu já também falei lá pra molecada. Agora eu sou obrigado a fazer uma parte de arte vendável, porque o expressionismo simbólico eu não vendo.

J2 — O que é o expressionismo simbólico?

EC — É a expressão através de símbolos. Então eu uso os símbolos, entendeu, parte de sol, parte de água, símbolos que eu tenho, por exemplo, o sol significa esperança para mim, a asa, liberdade, a chama simboliza uma coisa futura, então tudo isso aí são símbolos que eu uso para compor um quadro. E isso aí você não vê no brasileiro, e eu não vou conseguir vender isso aí para um europeu, porque o expressionismo simbólico bom tem lá. Eles vêm aqui comprar colonial. E

colonial eu faço desde 1967 E eu vivo disto. Não tenho um emprego correlato. E eu sou obrigado a fazer o colonial, e foi o que eu falei lá. J2 — E você foi fazer a

conferência a convite de quem?

EC — A convite do Instituto e da Sônia Carletti.

PICOCO/EDUARDO



O campeão Nordval defende o Expocenter



Angelo D'Agostini começou a trabalhar com cinco anos de idade. Entregava leite. Na praça, pra Paulicéia, no Filippozzi, para as famílias mais tradicionais aqui da cidade. A ponte, a Ponte São João nem ainda existia, as ruas eram de terra e o pontilhão passava atrás do Sperandio Pelliciani. Depois, com oito anos, foi empregado numa barbearia, para aprender ofício, até os quatorze. O médico não deixou, por causa da vista e Angelo foi empregado na antiga Pozzani, fábrica de filtros. Não tinha ainda esta cerâmica que foi comprada depois. Queria progredir. Ia estudar no Senai, que acabava de ser instalado na cidade. Trabalhava então na modelagem da fábrica, foi transferido para a pintura e acabou saindo de lá. Voltou a ser barbeiro. Pouco depois, estava com 16 anos e meio. Resolveu enfrentar os Benacchio, ou o Ungaro, na Colônia. Montou um armazém. Coisa de doido. Aí progrediu e fundou a Padaria Colonial, quem não conhece? E iniciou-se no ramo da panificação. O primeiro carrinho de padeiro comprou do Oswaldo Bárbaro. Reformou o carrinho e tocou o barco em frente. Depois de estar bem, conseguiu uma confusão familiar e alugou o estabelecimento. Nesta altura, acelerou seus motores. Cursava uma faculdade, era viajante e dava aulas de matemática. Isto com 21 anos, casado. E tocava violino. Formou-se em Ciências Atuariais. É o correspondente ao contábil, segundo os experts, é a probabilidade ligada a seguros. E sobrava tempo para jogar futebol. Prestou exame para o Banco do Estado e foi aprovado. Resultou em ter que ir traba-

lhar em São Paulo, na sede do Banco, como assistente das seis gerências nacionais. Não tendo nascido para pendurar chapéu em cabide, ficar vinte e cinco anos para se aposentar, resolveu fazer cursinho para Medicina. Tentou Ribeirão Preto, chegou um pouco atrasado. São Paulo era impraticável. Não tinha tempo para os estudos e não podia competir com quem só estudava. Tentou empenhar seus bens, para usar dois anos de sua vida na tentativa de cumprir seu ideal, ser médico, mas assim mesmo não deu. Tomou a séria decisão. Foi ganhar dinheiro. Abandonou tudo e se empenhou no trabalho.

Reassumiu a padaria. Os negócios andavam mal e foram totalmente recuperados. Mas no seu período de Banco, sofreu a contaminação de "cachorro", pelas mãos de Antonio Andrade Tavares.

Eram cinco horas e foi servido o chá. A música ambiente, suave, era ouvida como fundo na casa da rua Rangel Pestana, 820. Ali está o Expocenter. Esta história pertence ao fundador do Canil Nordval. Era 1957. Hoje, em 1975, se inicia um aglomerado destas experiências. D'Agostini chegou, como cachorro a ser um dos únicos campeões mundiais de criadores de cães pastores alemães. Isto em 1972. Hoje associou sua enor-

me vivência à sua atual condição: homem que se concentra, num investimento de vulto, porque assim querem os médicos que o consultaram. Um dia a bomba resolveu falhar e o susto o conteve. No repouso, organizou o Expocenter.

É uma boutique de butiques, que tem como carro chefe, uma galeria de arte. Inaugurada no último dia 10, tem 300 metros quadrados de áreas dispostas para conter: uma loja de roupas femininas, outra de roupas masculinas, uma loja de artigos para cães, um salão de chá e aperitivos, uma escola de bordados, tricô e crochê e uma loja especializada em som. Lá dentro, ninguém se perde. tem-se a impressão que se está "em casa".

Tem treze assistentes, cada qual cuidando de um setor. E Angelo D'Agostini se sente capitaneando um barco seguro.

Seus amigos estão agora expondo suas obras na galeria de arte: entre os mais conhecidos, estão Aldemir Martins, com gravuras e pinturas, o surrealista Otávio Araújo, agora com exposição em Washington, e os jundiaenses Issis Roda, César Roda e Gerson A. Calori.

PICOCO/EDUARDO